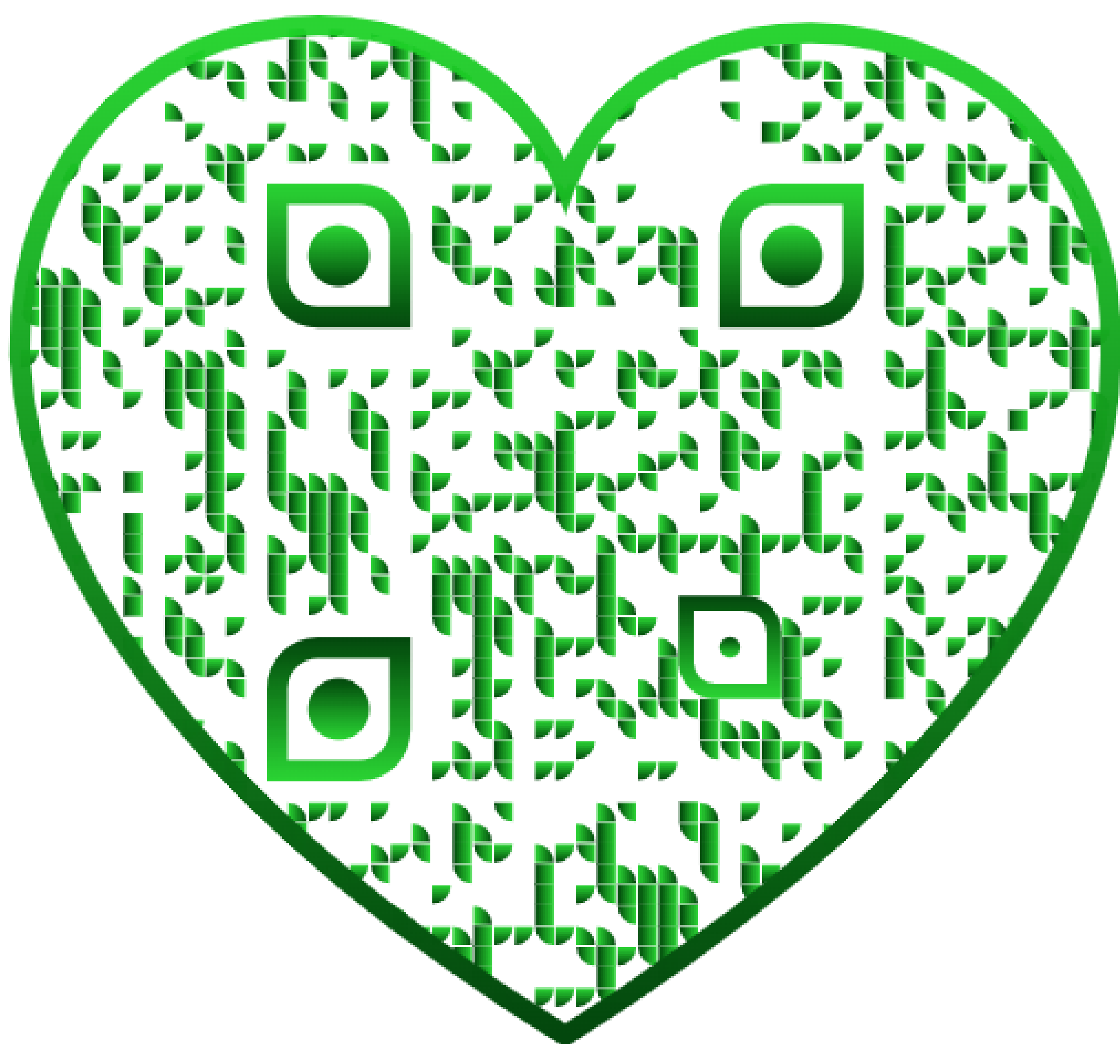
VERONICA ROTH

QUATRO
O TRAIDOR

UMA HISTÓRIA DA SÉRIE

DIVERGENTE

ROCCO DIGITAL



O TRAIDOR

UMA HISTÓRIA DA SÉRIE
DIVERGENTE

VERONICA ROTH

TRADUÇÃO
Lucas Peterson

ROCCO DIGITAL

Leia também de Veronica Roth

DIVERGENTE
INSURGENTE
CONVERGENTE

SUMÁRIO

O Traidor

Créditos

A Autora

O Traidor: uma história da série Divergente

OUTRO ANO, OUTRO Dia da Visita.

Há dois anos, quando eu era um iniciando, fingi que meu próprio Dia da Visita não existia, e o passava escondido na sala de treinamento na companhia de um saco de pancadas. Passei tanto tempo lá que ainda conseguia sentir o cheiro de poeira e suor dias depois. No ano passado, meu primeiro como instrutor dos iniciandos, fiz a mesma coisa, embora tanto Zeke quanto Shauna tenham me convidado para ficar um tempo com suas famílias.

Este ano tenho coisas mais importantes para fazer do que bater em um saco e me lamentar pela minha família disfuncional. Vou para a sala de controle.

Atravesso o Fosso, desviando-me de reencontros chorosos e risadas alegres. As famílias sempre podem se reunir no Dia da Visita, mesmo que sejam de facções diferentes, porém, com o tempo, as visitas costumam parar. "Facção antes do sangue", afinal. A maioria das roupas de cores diferentes que vejo se misturarem ao preto da Audácia pertencem às famílias de transferidos: a irmã de Will, da Erudição, veste azul-claro, os pais de Peter, da Franqueza, usam branco e preto. Observo seus pais por um instante e me pergunto se eles foram os responsáveis por torná-lo a pessoa que ele é hoje. Mas acho que, de modo geral, não é tão fácil assim explicar as pessoas.

Eu deveria estar em uma missão, mas paro ao lado do abismo, encostando-me à grade. Alguns pedaços de papel flutuam na água. Agora sei onde ficam os degraus de pedra; do outro lado, consigo vê-los imediatamente, assim como a porta oculta que leva até eles. Abro um pequeno sorriso, pensando nas noites que passei naquelas pedras com Zeke ou Shauna, às vezes conversando, outras apenas ouvindo o som de água corrente.

Ouço passos se aproximando e olho para trás. Tris caminha na minha direção, aconchegada sob o braço vestido de cinza de uma mulher da Abnegação. Natalie Prior. Fico tenso, subitamente desesperado para fugir. E se Natalie souber quem eu sou, de onde venho? E se ela revelar isso sem querer, aqui, com todas essas pessoas ao redor?

Ela com certeza não me reconhecerá. Não pareço nada com o menino que ela conheceu: fraco, curvado e escondido dentro das roupas largas da Abnegação.

Quando está perto o suficiente, ela estende a mão.

– Olá. Meu nome é Natalie – apresenta-se ela. – Sou a mãe de Beatrice.

Beatrice. Esse nome é tão errado para ela.

Aperto a mão de Natalie. Nunca gostei do aperto de mão da Audácia. É muito imprevisível. Nunca sei o quão forte apertar, ou quantas vezes subir e descer a mão.

– Quatro – digo. – É um prazer conhecê-la.

– Quatro – repete Natalie, depois abre um sorriso. – É um apelido?

– Sim – respondo. Mudo de assunto. – Sua filha está indo bem aqui. Tenho supervisionado o treinamento.

– Fico feliz em saber – diz ela. – Tenho algum conhecimento a respeito da iniciação da Audácia e estava preocupada com ela.

Olho para Tris. Ela está corada e parece feliz, como se ver a mãe estivesse lhe fazendo bem. Só então reparo no quanto ela mudou desde que a vi pela primeira vez, pisando de maneira insegura na plataforma de madeira, com a aparência frágil, como se o impacto contra a rede a tivesse estilhaçado. Ela não aparenta mais aquela fragilidade, traz resquícios de hematomas no rosto e adquiriu uma nova estabilidade na postura, como se estivesse pronta para encarar qualquer coisa.

– Não precisa se preocupar – digo para Natalie.

Tris desvia o olhar. Acho que ela ainda está com raiva de mim, pela maneira como feri a sua orelha com aquela faca. Não posso culpá-la.

– Não sei por quê, mas você me parece familiar, Quatro – diz Natalie. Consideraria seu comentário inocente, não fosse a maneira como está olhando para mim, como se estivesse tentando me arrancar alguma informação.

– Também não consigo imaginar de onde poderia ser – digo com o tom de voz mais frio possível. – Não costumo me associar a pessoas da Abnegação.

Ela não reage da maneira que eu esperava, com surpresa, medo ou raiva. Apenas ri.

– Hoje em dia, poucas pessoas se associam. Sei que não é nada pessoal.

Se ela me reconhece, não parece impelida a revelar isso. Tento relaxar.

– Bem, vou deixar vocês matarem a saudade em paz – digo.

+++

No meu monitor, as imagens das câmeras de segurança mudam do saguão da Pira para o buraco rodeado por quatro edifícios, a entrada dos iniciandos da Audácia. Há um grupo de pessoas reunido ao redor do buraco, entrando e saindo dele, acho que para testar a rede.

– Não curte Dias da Visita? – Meu supervisor, Gus, está em pé atrás de mim, bebericando uma caneca de café. Ele não é tão velho, mas o topo da sua cabeça é calvo. O que resta de seu cabelo é mantido curto, mais até do que o meu. Os lóbulos das suas orelhas estão esticados por alargadores. – Pensei que não o veria mais até o final da iniciação.

– Resolvi pelo menos fazer algo produtivo.

No meu monitor, todos escalam para fora do buraco e se afastam, encostando-se em um dos prédios. Bem devagar, uma figura escura se aproxima da beirada do edifício acima do buraco, corre um pouco e depois salta. Sinto um frio na barriga, como se fosse eu que estivesse desabando, e a figura desaparece abaixo da calçada. Nunca vou me acostumar a ver aquilo.

– Eles parecem estar se divertindo – diz Gus, bebericando mais uma vez seu café. – Bem, não vou reclamar se você quiser trabalhar fora do horário, mas um pouco de diversão não faz mal a ninguém, Quatro.

Ele se afasta, e eu murmuro:

– É, estou sabendo.

Vasculho a sala de controle. Está quase vazia. No Dia da Visita, poucas pessoas são obrigadas a trabalhar, geralmente só as mais velhas. Gus está inclinado sobre seu monitor. Há outros dois funcionários ao seu lado, observando as imagens com apenas um fone de ouvido na orelha. Além deles, apenas eu.

Digito um comando, abrindo a gravação que salvei na semana passada. Ela mostra Max em seu escritório, sentado diante do computador. Ele digita com o dedo indicador, catando as teclas certas durante vários segundos entre uma digitação e outra. Poucos membros da Audácia sabem digitar rápido, especialmente o Max, que, pelo que me disseram, passou a maior parte da sua vida na Audácia patrulhando o setor dos sem-facção com a sua arma. Ele não deve ter imaginado que um dia precisaria usar um computador. Inclino-me para perto do monitor a fim de me certificar de que os números que anotei antes estão certos. Se estiverem, tenho a senha de acesso ao computador de Max escrita em um papel, no meu bolso.

Desde que descobri que Max estava trabalhando com Jeanine Matthews e comecei a suspeitar de que eles estivessem ligados de alguma maneira à morte de Amah, tenho procurado um modo de investigar mais a fundo. E consegui quando o vi digitar sua senha outro dia.

084628. Sim, os números parecem corretos. Acesso as imagens de segurança ao vivo outra vez e procuro entre as câmeras até encontrar a que mostra o escritório de Max e o corredor mais adiante. Depois, digito o comando que retira a imagem do escritório de Max do circuito, para que Gus e os outros não a vejam; ela só será exibida no meu monitor. As imagens de toda a cidade são sempre divididas entre o número de pessoas que estiverem trabalhando na sala de controle, para que não fiquemos todos observando os mesmos lugares. Só podemos tirar as imagens da rotação geral como acabei de fazer por alguns segundos, e somente se precisarmos analisar algo com mais cuidado, mas acho que isso não vai demorar muito. Saio da sala e caminho até os elevadores.

Este andar da Pira está quase vazio. Todos saíram. Isso facilitará o que preciso fazer agora. Sigo de elevador até o décimo andar e caminho com decisão até o escritório de Max. Descobri que, quando você anda por aí sem querer ser notado, é melhor não parecer que está andando por aí sem querer ser notado. Tamborilo o pendrive no meu bolso enquanto caminho e viro o corredor, parando em frente à sala dele.

Abro a porta com a ponta do pé. Hoje mais cedo, após ter certeza de que Max havia descido para o Fosso com o objetivo de começar as preparações para o Dia da Visita, vim escondido até aqui e prendi a tranca com fita adesiva. Fecho a porta atrás de mim silenciosamente, sem acender as luzes, e agacho-me ao lado da sua mesa. Não quero mexer na cadeira ou sentar nela; não quero que ele note

nenhuma mudança no escritório quando voltar.

O monitor exige uma senha. Minha boca está seca. Retiro o papel do bolso e o aperto contra a mesa enquanto digito. 084628.

A tela muda. Não acredito que funcionou.

Rápido. Se Gus descobrir que saí, que estou aqui, não sei o que direi ou que desculpa minimamente razoável poderei dar. Insiro o pendrive e transfiro o programa que guardei nele mais cedo. Pedi a Lauren, uma das funcionárias da equipe de assistência técnica da Audácia e minha colega entre os instrutores de iniciação, por um programa que tornasse um computador um espelho de outro, com a desculpa de que queria pregar uma peça em Zeke quando estivéssemos trabalhando. Ela me ajudou de bom grado. Outra coisa que descobri é que os membros da Audácia estão sempre dispostos a participar de trotes e quase não reparam em mentiras.

Com alguns cliques rápidos, o programa é instalado e escondido em uma pasta do computador de Max onde tenho certeza de que ele nunca procurará. Enfio o pendrive de volta no bolso, junto com o pedaço de papel no qual anotei a senha, e deixo o escritório sem marcar a parte de vidro da porta com minhas impressões digitais.

Até que foi fácil, penso enquanto caminho de volta para os elevadores. Segundo o meu relógio, a operação durou só cinco minutos. Se alguém perguntar, posso dizer que fui ao banheiro.

Mas, quando volto para a sala de controle, Gus está sentado diante do meu computador, encarando o monitor.

Fico paralisado. Há quanto tempo será que ele está lá? Será que ele me viu invadir o escritório de Max?

– Quatro – diz Gus com a voz séria. – Por que você isolou esta imagem? Vocês não podem retirar imagens da rotação. Você sabe disso.

– Eu... – *Minta! Minta agora!* – pensei ter visto alguma coisa – concluo, nada convincente. – Podemos isolar imagens quando vemos coisas fora do comum.

Gus se aproxima de mim.

– Então por que acabei de vê-lo no monitor, saindo desse corredor?

Ele aponta para o corredor no monitor. Minha garganta aperta.

– Pensei ter visto algo estranho e fui investigar – digo. – Desculpe. Eu precisava dar uma volta.

Ele me encara, mastigando a parte de dentro da bochecha. Fico imóvel. Não desvio o olhar.

– Se voltar a ver algo fora do normal, siga o protocolo. Você precisa avisar o seu supervisor, que é... quem mesmo?

– Você – digo, suspirando um pouco. Não gosto que me tratem com condescendência.

– Correto. Que bom que você *consegue* acompanhar esse raciocínio – diz ele. – Honestamente, Quatro, depois de mais de um ano trabalhando aqui, não deveria haver mais nenhuma irregularidade na sua performance. Temos regras muito claras, e tudo o que você precisa fazer é segui-las. Este é seu último aviso. Certo?

– Certo – respondo. Já fui repreendido algumas vezes por tirar imagens da rotação para bisbilhotar encontros entre Jeanine Matthews e Max, ou entre Max e Eric. Nunca consegui qualquer informação útil assim, e quase sempre fui pego.

– Que bom. – Sua voz fica um pouco mais suave. – Boa sorte com os iniciandos. Você ficou com os transferidos de novo este ano?

– Fiquei – respondo. – Lauren pegou os nascidos na Audácia.

– Ah, que pena. Achei que você fosse conhecer a minha irmãzinha – diz Gus. – Se eu fosse você, faria alguma coisa para relaxar. Não precisamos de ajuda aqui agora. Só peço que libere aquela imagem antes de ir embora.

Ele volta para o seu computador, e eu relaxo a mandíbula. Nem percebi que ela estava tão tensa. Com o rosto latejando, desligo o computador e deixo a sala de controle. Não acredito que consegui me safar.

Agora, com esse programa instalado no computador de Max, posso acessar todos os seus arquivos da privacidade relativa da sala de controle. Posso descobrir exatamente o que ele e Jeanine Matthews estão tramando.

+++

À noite, sonho que estou caminhando pelos corredores da Pira, sozinho, mas os corredores não terminam, e a vista das janelas não muda, com os trilhos suspensos do trem curvando-se para dentro de edifícios altos, o sol encoberto pelas nuvens. Sinto que estou andando há horas e, quando acordo assustado, parece que nem dormi.

De repente, ouço uma batida na porta e uma voz gritando:

– Abra!

Parece mais um pesadelo do que o tédio do qual acabei de escapar. Tenho certeza de que são soldados da Audácia vindo me buscar porque descobriram que sou Divergente, ou que estou espionando Max, ou que entrei em contato com a minha mãe sem-facção no ano passado. Todas essas coisas gritam “traidor da facção”.

Soldados da Audácia vindo me matar. Mas, ao caminhar até a porta, percebo que, se eles fizessem isso, não causariam esse estardalhaço no corredor. Além do mais, a voz é de Zeke.

– Zeke – digo, abrindo a porta. – Qual é o seu problema? Estamos no meio da noite.

Há um pouco de suor na sua testa, e ele está sem fôlego. Deve ter corrido até aqui.

– Eu estava trabalhando no turno da noite na sala de controle – diz Zeke. – Aconteceu alguma coisa no dormitório dos transferidos.

Por algum motivo, a primeira coisa em que penso é *nela*, nos seus olhos grandes me encarando das profundezas da minha memória.

– O quê? – pergunto. – Com quem?

– Vamos conversar enquanto andamos – pede Zeke.
Calço os sapatos, visto o casaco e o sigo pelo corredor.
– O garoto da Erudição. O loiro – diz Zeke.
Tenho que reprimir um suspiro de alívio. Não foi ela. Nada aconteceu a ela.
– Will? – pergunto.
– Não, o outro.
– Edward.
– É, o Edward. Ele foi atacado. Levou uma facada.
– Ele morreu?
– Não, está vivo. A facada foi no olho.
Paro de andar.
– No *olho*?
Zeke concorda com a cabeça.
– Para quem você contou isso?
– Para o supervisor da noite. Ele foi contar para o Eric, e o Eric disse que resolveria a situação.
– É claro que vai. – Desvio para a direita, para longe do dormitório dos transferidos.
– Aonde está indo? – pergunta Zeke.
– O Edward já está na enfermaria? – Caminho de costas enquanto falo.
Zeke faz que sim com a cabeça.
– Então vou conversar com Max – digo.

+++

O complexo da Audácia é pequeno o bastante para que eu saiba onde as pessoas moram. O apartamento de Max fica bem afastado, entre os corredores subterrâneos do complexo, perto da porta que leva para os trilhos, do lado de fora. Marcho na sua direção, seguindo as lâmpadas azuis de emergência alimentadas pelo nosso gerador a energia solar.
Esmurro a porta de metal com o punho cerrado, acordando Max da mesma maneira que Zeke me acordou. Ele abre a porta com força alguns segundos depois, com pés descalços e olhos transtornados.
– O que aconteceu? – pergunta ele.
– Um dos meus iniciandos levou uma facada no olho – digo.
– E você veio aqui? Alguém informou isso ao Eric?
– Sim. É sobre esse assunto que quero falar com você. Posso entrar?
Não espero a resposta. Esbarro nele e entro em sua sala de estar. Ele acende as luzes, revelando a sala mais bagunçada que já vi, com copos e pratos sujos cobrindo a mesa de centro, todas as almofadas do sofá desarrumadas e o chão cinza de tanta poeira.

– Quero que a iniciação volte a ser como era antes de Eric torná-la mais competitiva, e quero que ele fique longe da minha sala de treinamento.

– Você não acredita realmente que o fato de um iniciando ter se machucado seja culpa do Eric – diz Max, cruzando os braços. – Ou que você tenha o direito de fazer exigências.

– Sim, a culpa é dele, é claro que a culpa é dele! – respondo, mais alto do que queria. – Se eles não estivessem todos lutando por uma das dez vagas, não se desesperariam a ponto de atacar uns aos outros! Ele os deixou tão tensos que obviamente acabariam estourando uma hora ou outra!

Max fica em silêncio. Ele parece irritado, mas não está me chamando de ridículo, o que já é um começo.

– Você não acha que devemos responsabilizar o autor do ataque? Você não acha que ele ou ela deve ser considerado culpado no lugar de Eric?

– É claro que ele, ou ela, ou quem quer que seja, deve ser responsabilizado Mas isso nunca teria acontecido se Eric...

– Você não pode ter certeza disso – diz Max.

– Posso ter a mesma certeza que qualquer pessoa razoável teria.

– E eu não sou razoável? – Sua voz está baixa, perigosa, e, de repente, lembro-me de que Max não é apenas um líder da Audácia que gosta de mim por alguma razão inexplicável. Ele é o líder da Audácia que está trabalhando com Jeanine Matthews, a mesma pessoa que selecionou Eric e provavelmente teve alguma relação com a morte de Amah.

– Não foi o que eu quis dizer – digo, tentando permanecer calmo.

– Você precisa ser cuidadoso e escolher melhor as palavras. – Max aproxima-se de mim. – Ou alguém pode começar a pensar que você está insultando seus superiores.

Não respondo. Ele se aproxima ainda mais.

– Ou questionando os valores da sua facção – diz ele, e seus olhos vermelhos saltam para o meu ombro, onde as chamas da Audácia aparecem pela gola da minha camisa. Tenho mantido os cinco símbolos das facções que cobrem as minhas costas escondidos desde que fiz a tatuagem, mas, por algum motivo, agora fico apavorado com a possibilidade de Max saber sobre eles. De ele saber o que significam, que não sou um membro perfeito da Audácia; sou uma pessoa que acredita que mais de uma virtude deve ser valorizada; sou um Divergente.

– Você teve a sua chance de se tornar um líder da Audácia – diz Max. – Talvez pudesse ter evitado esse incidente se não tivesse desistido como um covarde. Mas foi isso que você fez. Então, agora terá que aguentar as consequências.

Seu rosto revela a sua idade. Ele tem marcas que não possuía no ano passado, ou no ano retrasado, e sua pele está marrom-acinzentada, como se estivesse coberta de cinzas.

– Eric só está tão envolvido com a iniciação porque você se recusou a seguir ordens no ano passado...

No ano passado, na sala de treinamento, parei todas as lutas antes que os ferimentos ficassem

sérios demais, contra a ordem de Eric de que as lutas só deveriam ser interrompidas quando um dos lutadores não conseguisse mais continuar. Como resultado, quase perdi meu posto de instrutor da iniciação; teria perdido se Max não tivesse interferido.

– E eu queria te dar outra chance para fazer a coisa certa, com um monitoramento maior – diz Max. – Você tem falhado em fazer isso. Você já foi longe demais.

O suor que se acumulou na minha pele quando corri até aqui esfriou. Ele dá um passo para trás e abre novamente a porta do seu apartamento.

– Saia do meu apartamento e lide com seus iniciandos – diz Max. – Não quero ver você sair da linha outra vez.

– Sim, senhor – digo baixinho, e vou embora.

+++

Visito Edward na enfermaria na manhã seguinte bem cedo, ao nascer do sol, quando a luz atravessa o teto de vidro do Fosso. A cabeça dele está envolta em esparadrapos brancos, e o garoto não se move nem fala. Também não digo nada, apenas me sento ao lado dele e espero enquanto os minutos passam no relógio da parede.

Fui um idiota. Pensei que era invencível, que a vontade de Max de que eu fosse um líder da Audácia nunca oscilaria, que, em algum nível, ele confiava em mim. Não deveria ter sido tão idiota. Tudo o que Max queria era um fantoche. Foi o que minha mãe disse.

Não posso ser um fantoche. Mas não sei o que mais devo ser.

+++

O cenário que Tris Prior inventa é estranho e quase bonito, com o céu amarelo-esverdeado e a grama amarela se estendendo por quilômetros em todas as direções.

Assistir à simulação do medo de outra pessoa é esquisito. Íntimo. Não me sinto à vontade forçando outras pessoas a ficar vulneráveis, mesmo que não goste delas. Todo ser humano tem direito a ter seus segredos. Assistir aos medos dos meus iniciandos, um após o outro, me faz sentir como se a minha pele tivesse sido completamente raspada com uma lixa.

Na simulação de Tris, a grama amarela está perfeitamente parada. Se o ar não estivesse estagnado, eu diria que tudo é um sonho, não um pesadelo. Mas a ausência do vento significa apenas uma coisa para mim: uma tempestade iminente.

Uma sombra se move pela grama, e um grande pássaro preto pousa no ombro dela, cravando as garras em sua camisa. As pontas dos meus dedos formigam quando me lembro de como toquei seu ombro quando ela entrou na sala de simulação, e de como afastei o cabelo do seu pescoço antes de injetar o soro nela. Estúpido. Descuidado.

Ela bate no pássaro negro com força, e, de repente, tudo acontece ao mesmo tempo. O trovão estrondeia; o chão escurece, não com nuvens de tempestade, mas com *pássaros*, um bando impossivelmente grande deles, movendo-se em uníssono, como muitas partes da mesma mente.

O som do grito dela é o pior som do mundo, desesperado. Ela está desesperada por ajuda, e eu estou desesperado para ajudá-la, embora saiba que o que vejo não é real. Eu sei disso. Os corvos continuam vindo, implacáveis, cercando-a, enterrando-a viva em penas escuras. Ela grita por ajuda, e não posso ajudá-la e não quero assistir a isso, não quero assistir nem mais um segundo.

Mas, de repente, ela começa a se mexer, mudando de posição e deitando na grama, cedendo, relaxando. Se ela está sentindo dor agora, não demonstra; apenas fecha os olhos e se rende, e isso, de alguma forma, é pior do que seus gritos por ajuda.

De repente, a simulação acaba.

Ela lança o corpo para a frente na cadeira de metal, batendo no próprio corpo para afastar os pássaros, embora eles já tenham desaparecido. Depois, encolhe-se e esconde o rosto.

Estendo a mão para tocar seu ombro, para reconfortá-la, e ela bate no meu braço com força.

– Não toque em mim!

– Acabou – digo, contraindo o rosto. Ela me socou com mais força do que imagina. Ignoro a dor e corro a mão pelo seu cabelo, porque sou idiota, e inapropriado, e idiota...

– Tris.

Ela apenas move o corpo para a frente e para trás, acalmando-se.

– Tris, vou levar você de volta ao dormitório, está bem?

– Não! Eles não podem me ver... não desta maneira...

É isso que o novo sistema de Eric cria: um ser humano corajoso acabou de vencer um dos seus piores medos em menos de cinco minutos, um esforço que outras pessoas costumam demorar pelo menos o dobro do tempo para concluir, mas está morrendo de medo de voltar para o corredor, de ser visto expressando qualquer tipo de fraqueza e vulnerabilidade. Tris tem todas as características da Audácia, isso é simples e claro, mas esta facção já não tem mais tanto a ver com essas características.

– Ah, acalme-se – digo com um tom mais irritado do que queria. – Eu a levarei pela porta dos fundos.

– Não preciso que você me leve... – Consigo ver as mãos dela tremendo, apesar da recusa à minha oferta.

– Isso é besteira – digo. Seguro o braço dela e a ajudo a levantar. Ela enxuga os olhos enquanto caminho em direção à porta. Amah atravessou esta porta comigo certa vez, e tentou me levar de volta ao dormitório, apesar de eu não querer sua companhia, como Tris provavelmente não quer a minha agora. Como é possível viver a mesma história duas vezes, sob dois pontos de vista?

Ela se desvencilha de mim e me encara.

– Por que você fez aquilo comigo? Qual foi o propósito daquilo, hein? Quando escolhi a Audácia,

não sabia que estava me candidatando a semanas de tortura!

Se ela fosse qualquer outro, qualquer um dos outros iniciandos, já teria gritado várias vezes com ela por sua insubordinação. Teria me sentido ameaçado por seus ataques constantes ao meu caráter e tentado reprimir seus atos de revolta com crueldade, como fiz com Christina no primeiro dia de iniciação. Mas Tris ganhou o meu respeito quando decidiu ser a primeira a pular na rede; ao me desafiar em sua primeira refeição; ao não se intimidar por minhas respostas desagradáveis às suas perguntas; quando enfrentou o Al e me olhou nos olhos enquanto atirava facas contra ela. Ela não é minha subordinada, e nunca poderia ser.

– Você achou que superar a covardia seria uma tarefa fácil? – digo.

– Aquilo não teve nada a ver com a superação da minha covardia! A covardia se encontra em como alguém escolhe ser na vida real, e na vida real eu não seria bicada até a morte por corvos, Quatro!

Ela começa a chorar, mas fico chocado demais com suas palavras para me sentir desconfortável com suas lágrimas. Tris não está aprendendo as lições que Eric quer que ela aprenda. Está aprendendo coisas diferentes, mais sábias.

– Quero ir para casa.

Sei onde ficam as câmeras neste corredor. Espero que nenhuma delas tenha captado o que ela acabou de dizer.

– Saber pensar em meio ao medo é uma lição que todos, até mesmo a sua família de Caretas, devem aprender – digo. Desconfio de muitas coisas a respeito da iniciação da Audácia, mas as simulações do medo não são uma delas; elas são a maneira mais direta para que uma pessoa enfrente seus medos e os derrote, bem mais direta do que o lançamento de facas ou as lutas. – É isso o que estamos tentando ensinar-lhe. Se você não conseguir aprender, terá que dar o fora daqui, porque não vamos querer você.

Sou duro com ela porque sei que ela aguenta o tranco. Além disso, não sei como ser de outro jeito.

– Estou tentando. Mas eu fracassei. Estou fracassando.

Quase caio na gargalhada.

– Quanto tempo você acha que passou naquela alucinação, Tris?

– Não sei. Cerca de meia hora?

– Três minutos. Você acordou três vezes mais rápido do que os outros iniciandos. Você pode ser qualquer coisa, Tris, menos um fracasso.

Você talvez seja Divergente, penso. Mas ela não fez nada para mudar a simulação, então talvez não seja. Talvez ela seja apenas corajosa.

Sorrio para ela.

– Amanhã você se sairá melhor. Você vai ver.

– Amanhã?

Ela parece mais calma agora. Apoio a mão nas suas costas, logo abaixo do ombro.

– O que você viu na sua primeira alucinação? – pergunta ela.

– Não foi exatamente um ‘que’ mas um ‘quem’. – Ao falar, me dou conta de que deveria ter revelado a ela apenas o primeiro obstáculo da minha paisagem do medo, o medo de alturas, embora não seja exatamente isso que ela está perguntando. Quando estou com ela, não consigo controlar o que digo, como faço com outras pessoas. Falo coisas vagas, porque é a melhor forma que encontro para me segurar e não falar nada, com a mente aturdida pela sensação do corpo dela sob a camisa. – Mas isso não importa.

– E você já conseguiu superar esse medo?

– Ainda não. – Estamos na porta do dormitório. O caminho nunca passou tão rápido. Enfio as mãos no bolso, para não fazer nada de idiota com elas outra vez. – Talvez eu nunca supere.

– Então, eles não vão embora?

– Às vezes vão. E às vezes são apenas substituídos por novos medos. Mas o objetivo não é perder o medo. Isso seria impossível. Aprender a controlar seu medo e libertar-se dele é o *verdadeiro* objetivo.

Ela acena com a cabeça. Não sei por que ela está aqui, mas acredito que tenha escolhido a Audácia para se libertar. A Abnegação teria sufocado a faísca nela até que se apagasse por completo. Mas, apesar de todas as suas falhas, a Audácia alimentou essa faísca, transformando-a em uma chama.

– De qualquer maneira – digo –, seus medos dificilmente serão exatamente o que aparece na simulação.

– Como assim?

– Bem, você realmente tem medo de corvos? – Eu sorrio. – Quando você vê um corvo, você sai correndo e gritando?

– Não. Acho que não.

Ela se aproxima de mim. Estava me sentindo mais seguro quando havia mais espaço entre nós. Ela chega ainda mais perto. Penso em tocá-la, e minha boca fica seca. Quase nunca penso em pessoas desta maneira, sobre garotas desta maneira.

– Então, do que tenho medo de verdade? – pergunta ela.

– Não sei – digo. – Apenas você pode saber.

– Eu não sabia que me tornar um membro da Audácia seria tão difícil.

Fico feliz em ter outra coisa na qual pensar que não seja o quão fácil seria levar a mão até suas costas.

– Dizem que nem sempre foi assim. Quer dizer, se tornar um membro da Audácia.

– O que mudou?

– A liderança. A pessoa que controla o treinamento estabelece o padrão de comportamento da Audácia. Há seis anos, Max e outros líderes mudaram os métodos de treinamento para torná-los mais

competitivos e brutais, afirmando que isso testaria a força das pessoas. – Há seis anos, a parte de combate do treinamento era breve e não incluía lutas sem luvas. Iniciandos usavam proteção. A ênfase estava em ser forte e capacitado, além de desenvolver camaradagem com os outros iniciandos. E, mesmo quando eu era um iniciando, a situação era melhor do que agora: as possibilidades de iniciandos se tornarem membros eram ilimitadas, e as lutas paravam quando um dos competidores se rendia. – E isso modificou as prioridades da Audácia como um todo. Aposto que você consegue adivinhar quem é o novo protegido dos líderes.

É claro que ela sabe imediatamente de quem estou falando.

– Se você ficou em primeiro lugar entre os iniciandos da sua turma, então em que posição ficou Eric? – pergunta ela.

– Em segundo.

– Então, ele era a segunda opção de liderança deles. E você era a primeira.

Ela é perceptiva. Não sei se eu era a primeira escolha, mas certamente era uma escolha melhor do que Eric.

– Por que acha isso?

– Pela maneira como Eric se comportou durante o jantar na primeira noite. Ele estava com inveja, mesmo já tendo o que quer.

Nunca pensei em Eric dessa maneira. Inveja? De quê? Nunca tirei nada dele, nunca representei uma ameaça a ele. Foi Eric quem foi atrás de Amah, quem veio atrás de mim. Mas talvez ela tenha razão. Talvez eu nunca tenha percebido o quão frustrado ele estava em ser o segundo, atrás de um transferido da Abnegação, depois do duro que ele deu, ou por eu ser o preferido de Max para a liderança, mesmo depois de ele ser plantado aqui especificamente para assumir essa posição.

Ela limpa o rosto.

– Parece que eu estive chorando?

A pergunta é quase cômica para mim. As lágrimas dela sumiram quase tão depressa quanto vieram, e agora seu rosto está calmo outra vez, seus olhos estão secos, seu cabelo está liso. Como se nada tivesse acontecido. Como se ela não tivesse acabado de passar três minutos sobrepujada pelo terror. Ela é mais forte do que eu era.

– Bem... – Inclino-me para perto dela, fingindo examiná-la, mas, de repente, não estou mais fingindo, estou apenas perto, e sentimos a respiração um do outro. – Não, Tris – digo. – Você parece... – Tento usar uma expressão da Audácia. – Dura como uma pedra.

Ela abre um pequeno sorrio. Faço o mesmo.

+++

– Ei – diz Zeke, sonolento, apoiando a cabeça na mão fechada. – Quer assumir o trabalho para mim? Estou quase pregando os meus olhos com fita adesiva.

– Desculpe – digo. – Só preciso usar um computador. Você sabe que são apenas nove da noite, não sabe?

Ele boceja.

– Fico cansado quando estou tão entediado. Mas meu turno está quase acabando.

Adoro a sala de controle à noite. Só três pessoas monitoram as imagens, então a sala fica completamente silenciosa, exceto pelo zumbido dos computadores. Pelas janelas, vejo apenas um fiapo da lua; todo o resto está escuro. É difícil encontrar paz no complexo da Audácia, e este é o lugar onde a encontro com mais frequência.

Zeke volta a olhar para o monitor. Sento-me diante de um computador, a algumas cadeiras de distância dele, e ajeito o monitor para que as outras pessoas na sala não consigam ver a tela. Em seguida, faço o *login* usando o usuário falso que criei há meses, para que ninguém consiga rastrear isso até mim.

Abro o programa de espelhamento que me permite usar o computador de Max remotamente. Ele leva alguns segundos para rodar, mas, quando carrega, parece que estou sentado no escritório de Max, usando a máquina dele.

Trabalho de maneira rápida e sistemática. Ele nomeia suas pastas com números; por isso, não sei o que cada uma contém. A maioria delas não traz nada sério, apenas listas de membros da Audácia ou calendários de eventos. Abro e fecho as pastas em segundos.

Concentro-me mais nos arquivos, pasta após pasta, e, de repente, encontro algo estranho. Uma lista de suprimentos, mas os itens não são comida, tecidos ou qualquer outra coisa que eu reconheceria da vida mundana da Audácia. É uma lista de armas. E de algo nomeado como *Soro D2*.

Só consigo imaginar uma coisa que exigiria da Audácia tantas armas: um ataque. Mas contra quem?

Confiro a sala de controle de novo, com o coração batendo tão forte que minha cabeça lateja. Zeke está jogando um jogo de computador que ele mesmo programou. Outro operador da sala está caído para o lado, com os olhos meio fechados. O terceiro mexe um copo de água distraidamente com um canudo e olha pela janela. Ninguém está prestando a menor atenção em mim.

Abro mais arquivos. Depois de algumas tentativas infrutíferas, encontro um mapa. Ele está quase todo marcado com letras e números, e, a princípio, não sei o que estou vendo.

Mas depois abro um mapa da cidade do banco de dados da Audácia e comparo os dois; recosto-me na cadeira ao perceber quais ruas o mapa de Max está destacando.

O setor da Abnegação.

O ataque será contra a Abnegação.

+++

Isso deveria ser óbvio, é claro. Quem mais Max e Jeanine se preocupariam em atacar? A vendeta

daqueles dois é contra a Abnegação, e sempre foi. Eu deveria ter percebido isso quando a Erudição publicou aquela matéria sobre meu pai, o marido e pai monstruoso. Que eu saiba, essa foi a única matéria verídica que eles já escreveram.

Zeke cutuca a minha perna com o pé.

– Acabou o turno. Hora de dormir?

– Não – respondo. – Preciso beber alguma coisa.

Sua empolgação é visível. Não é toda noite que decido abandonar a minha existência frugal e reclusa para uma noitada ao estilo da Audácia.

– Pode contar comigo – diz ele.

Fecho o programa, desconecto da minha conta e tudo o mais. Também tento deixar a informação sobre o ataque contra a Abnegação de lado até conseguir pensar no que fazer com ela, mas isso me persegue até o elevador, através do saguão e pelos caminhos até o fundo do Fosso.

+++

Saio da simulação com uma sensação pesada no fundo do estômago. Desconecto-me dos fios e me levanto. Ela ainda está se recuperando da sensação de quase se afogar, balançando as mãos e respirando fundo. Observo-a por alguns segundos, sem saber ao certo como dizer o que precisa ser dito.

– O que foi? – pergunta ela.

– Como você conseguiu fazer aquilo?

– Fazer o quê?

– Quebrar o vidro.

– Não sei.

Assinto e lhe ofereço a mão. Ela se levanta sem problemas, mas evita os meus olhos. Procuro as câmeras nos cantos da sala. Encontro uma, exatamente onde pensei que estaria, bem na nossa frente. Seguro seu cotovelo e a puxo para fora da sala, para um lugar onde sei que não seremos observados, em um ponto cego entre dois pontos de vigilância.

– O que foi? – pergunta ela, irritada.

– Você é Divergente – digo. Não estou sendo muito simpático com ela hoje. Ontem à noite, encontrei-a com amigos perto do abismo e, em um lapso de julgamento, ou de sobriedade, inclinei-me para muito perto dela, para dizer que estava bonita. Acho que talvez tenha ido longe demais. Agora, estou ainda mais preocupado, mas por motivos diferentes.

Ela quebrou o vidro. Ela é Divergente. Ela está correndo perigo.

Ela me encara.

Depois, encosta-se à parede, adotando uma aura quase convincente de indiferença.

– O que é um Divergente?

– Não se faça de idiota – digo. – Suspeitei da última vez, mas agora ficou óbvio. Você manipulou a simulação; você é Divergente. Vou apagar a gravação, mas, a não ser que você queira acabar *morta* no fundo do abismo, é melhor arrumar um jeito de esconder isso durante as simulações. Agora, me dá licença.

Volto para a sala de simulação e fecho a porta. É fácil deletar as imagens. Com alguns cliques, eu as apago, e o registro fica limpo. Confiro de novo o arquivo dela, para me certificar de que a única coisa que restou foi a informação sobre a primeira simulação. Precisarei arrumar uma desculpa para explicar onde os dados dessa sessão foram parar. Uma boa mentira que realmente convença Eric e Max.

Pego o meu canivete e o finco entre os painéis que cobrem a placa-mãe do computador, separando-os. Depois, sigo até o bebedouro do corredor e encho a boca de água.

Volto para a sala de simulação e cuspo um pouco da água no vão entre os painéis. Guardo o canivete e espero.

Cerca de um minuto depois, o monitor fica preto. A sede da Audácia é, basicamente, uma caverna cheia de infiltrações. Danos causados por água acontecem o tempo todo.

+++

Eu estava desesperado.

Mandei uma mensagem pelo mesmo sem-facção que usei como mensageiro da última vez que precisei entrar em contato com minha mãe. Combinei de encontrá-la no último vagão do trem das dez e quinze, que sai da sede da Audácia. Acho que ela saberá como me achar.

Sento-me recostado na parede, com um dos braços envolvendo meu joelho, e vejo a cidade passar por mim. Os trens noturnos não andam tão rápido quanto os diurnos. É mais fácil observar como os edifícios mudam à medida que o trem se aproxima do centro da cidade, como eles ficam mais altos, mas também mais estreitos, as pilastras de vidro agora se misturam às estruturas menores e mais antigas de pedra. Levanto-me, segurando um dos corrimãos ao longo da parede, e Evelyn salta para dentro do vagão usando botas da Amizade, um vestido da Erudição e uma jaqueta da Audácia. Seu cabelo está preso, o que torna o seu rosto severo ainda mais duro.

– Olá – diz ela.

– Oi.

– Cada vez que te vejo, você está maior – comenta ela. – Acho que não preciso nem perguntar se está comendo direito.

– Eu poderia dizer o mesmo sobre você – digo –, mas por motivos diferentes.

Sei que ela não está comendo direito. Ela é uma sem-facção, e os membros da Abnegação não têm providenciado tanta ajuda quanto de costume, com toda a pressão que a Erudição está exercendo.

Pego a mochila com as latas que afanei do depósito da Audácia.

– É apenas sopa insossa e verduras, mas é melhor do que nada – digo, oferecendo-a para ela.

– Quem disse que preciso da sua ajuda? – pergunta Evelyn com cuidado. – Estou bem, sabia?

– Não é para você – respondo. – É para todos os seus amigos magricelas. Se eu fosse você, não recusaria comida.

– Não estou recusando – diz ela, pegando a mochila. – Só não estou acostumada com a sua preocupação. É um pouco desconcertante.

– Conheço esse sentimento muito bem – digo com frieza. – Quanto tempo você demorou até resolver conferir como andava a minha vida? Sete anos?

Evelyn suspira.

– Se você pediu que eu viesse aqui só para começar essa discussão outra vez, lamento, mas não poderei ficar muito tempo.

– Não – digo. – Não foi por isso que pedi para você vir aqui.

Eu nem queria ter entrado em contato com ela, mas sabia que não podia contar a nenhum membro da Audácia o que descobri sobre o ataque contra a Abnegação. Não sabia o quão leais à facção e às suas políticas eles eram. Mas precisava contar para alguém. Quando conversei com Evelyn, ela parecia saber coisas sobre a cidade que eu desconhecia. Imaginei que ela talvez pudesse me ajudar com isso, antes que seja tarde demais.

É arriscado, mas não sei mais o que fazer.

– Tenho vigiado Max – digo. – Você disse que a Erudição estava envolvida com a Audácia, e tinha razão. Eles estão planejando algo juntos, Max e Jeanine e sabe-se lá quem mais.

Conto a ela o que vi no computador de Max, as listas de suprimentos e os mapas. Conto o que observei a respeito da atitude da Erudição em relação à Abnegação, dos relatórios e de como eles estão botando os membros da Audácia contra nossa antiga facção.

Quando termino de falar, Evelyn não parece surpresa, nem mesmo preocupada. Na verdade, não tenho a menor ideia de como interpretar sua expressão. Ela fica em silêncio por alguns segundos, depois diz:

– Você viu alguma indicação de quando isso aconteceria?

– Não – respondo.

– E quanto a números? Qual é o tamanho da força que a Audácia e a Erudição pretendem usar? Como planejam convocá-la?

– Não sei – respondo, frustrado. – Também não me importo. Não faz diferença a quantidade de recrutas que eles conseguirem reunir, reduzirão a Abnegação a cinzas em segundos. Eles não são exatamente treinados para se defender. Nem treinariam, mesmo se soubessem como o fazer.

– Eu sabia que algo estava acontecendo – diz Evelyn, franzindo a testa. – As luzes ficam acesas na sede da Erudição o tempo todo. Isso significa que eles não têm mais medo de se encrencar com os líderes do conselho, o que... sugere alguma coisa a respeito da sua crescente dissidência.

– Está bem – digo. – Como os alertaremos?

– Alertaremos quem?

– A Abnegação! – respondo, irritado. – Como alertaremos a Abnegação de que eles serão mortos? Como diremos à Audácia que seus líderes estão conspirando contra o conselho? Como...

Faço uma pausa. Evelyn está parada, com as mãos largadas ao lado do corpo e o rosto relaxado e passivo. *Nossa cidade está mudando, Tobias.* Foi o que ela me disse quando nos reencontramos pela primeira vez. *Em breve, todos terão que escolher um lado, e sei em qual lado você preferirá estar.*

– Você já sabia – digo bem devagar, esforçando-me para processar a verdade. – Você sabia que eles estavam planejando alguma coisa assim. Você já sabe há algum tempo. Só estava esperando acontecer. Estava contando com isso.

– Não me resta qualquer simpatia pela minha antiga facção. Não quero que eles, ou qualquer outra facção, continuem a controlar esta cidade e seus habitantes – afirma Evelyn. – Se alguém quiser acabar com meus inimigos por mim, pretendo permitir que o façam.

– Não acredito no que você está falando – digo. – Eles não são todos o Marcus, Evelyn. Eles são *indefesos*.

– Você acha que eles são tão inocentes... Você não os conhece. Eu os conheço, e já *vi* quem eles realmente são.

A voz dela é grave, gutural.

– Como acha que seu pai conseguiu mentir para você sobre mim durante tantos anos? Acha que os outros líderes da Abnegação não o ajudaram, não perpetuaram a mentira? *Eles* sabiam que eu não estava grávida, que ninguém tinha chamado um médico, que *não havia corpo* algum. Mas mesmo assim falaram que eu tinha morrido, não falaram?

Nunca tinha pensado nisso. Não havia corpo algum. Não havia corpo, mas, mesmo assim, todos os homens e mulheres sentados na casa do meu pai naquela manhã terrível e no funeral na noite seguinte participaram de um jogo de faz de conta para mim e para o resto da comunidade da Abnegação, dizendo, mesmo em seu silêncio, *Ninguém jamais nos deixaria. Quem iria querer fazer uma coisa dessas?*

Eu não deveria ficar tão surpreso em descobrir que uma facção está cheia de mentirosos, mas acho que alguma parte de mim ainda é ingênua como uma criança.

Mas isso mudou.

– Pense bem – diz Evelyn. – Essas pessoas, que falam para uma criança que sua mãe morreu apenas para manter as aparências, são realmente o tipo de pessoa que você quer ajudar? Ou você quer ajudar a tirá-las do poder?

Eu acreditava que sabia o que queria. Aquelas pessoas inocentes da Abnegação, com seus atos constantes de serviço voluntário e suas cabeças baixas em deferência, precisavam ser salvas.

Mas aqueles *mentirosos*, que forçaram o meu luto, que me deixaram sozinho com o homem que me causou tanta dor, será que eles deveriam ser salvos?

Não consigo olhar para ela, não consigo responder. Espero o trem passar pela plataforma e salto

sem olhar para trás.

+++

– Não me leve a mal, mas você está com uma cara péssima.

Shauna afunda na cadeira ao lado da minha, pousando sua bandeja sobre a mesa. Parece que a conversa de ontem com minha mãe foi um estrondo repentino, de estourar os tímpanos, e agora todos os sons que ouço estão abafados. Sempre soube que meu pai era cruel. Mas acreditava que os outros membros da Abnegação eram inocentes; no fundo, sempre me considerei fraco por ter deixado a facção, era como se eu tivesse traído os meus próprios valores.

Agora, parece que, não importa o que eu escolha, sempre acabo traindo alguém. Se alertar a Abnegação sobre o plano de ataque que encontrei no computador de Max, trairei a Audácia. Se não os alertar, trairei a minha antiga facção outra vez, e de uma maneira muito mais séria do que antes. Não tenho escolha senão decidir, e a ideia de ter que decidir me dá náuseas.

Passei o dia de hoje do único jeito que sei: levantei-me e fui trabalhar. Divulguei as posições dos iniciandos, o que gerou certo atrito, porque defendi que o progresso deveria ter um peso maior sobre os resultados, e Eric defendeu que esse peso deveria ser dado à consistência. Fui comer. Funcionei no automático, como se me movesse usando apenas memória muscular.

– Você vai comer isso? – pergunta Shauna, apontando para o meu prato cheio de comida.

Dou de ombros.

– Talvez – respondo.

Dá para perceber que ela está prestes a perguntar o que há de errado comigo, então mudo de assunto.

– Como está Lynn?

– Você deve saber melhor do que eu – diz ela. – Já que consegue ver os medos dela e tudo mais.

Corto um pedaço de carne e mastigo.

– Como é? – pergunta ela cautelosamente, erguendo uma sobrancelha ao olhar para mim. – Quer dizer, ver todos os medos deles.

– Não posso falar com você sobre os medos deles – digo. – Você sabe disso.

– É uma regra sua ou da Audácia?

– Isso importa?

Shauna suspira.

– É só que, às vezes, parece que eu nem a conheço mais.

Passamos o resto da refeição em silêncio. É isso que mais gosto na Shauna: ela não sente a necessidade de falar só por falar. Quando terminamos, deixamos o refeitório juntos, e Zeke nos chama do outro lado do Fosso.

– Ei! – diz ele. Ele está girando um rolo de esparadrapo no dedo. – Querem ir socar alguma

coisa?

– Sim – respondemos Shauna e eu, em uníssono.

Caminhamos em direção à sala de treinamento, e Shauna conta para Zeke como foi sua semana na cerca:

– Há dois dias, um idiota com quem eu estava patrulhando começou a surtar, jurando ter visto algo lá fora... Acabou que não passava de um *saco plástico*.

Zeke desliza o braço sobre os ombros dela. Corro os dedos sobre as juntas das minhas mãos e tento não atrapalhá-los.

Quando nos aproximamos da sala de treinamento, penso ouvir vozes lá dentro. Franzindo a testa, abro a porta com o pé. Na sala estão Lynn, Uriah, Marlene e... Tris. O encontro de todos esses mundos me desconcerta um pouco.

– Bem que eu pensei ter ouvido alguma coisa daqui de dentro – digo.

Uriah está atirando contra um alvo com uma das armas de brinquedo, do tipo que os membros da Audácia usam por diversão. Tenho certeza de que a arma não é dele, então deve ser do Zeke. Enquanto isso, Marlene mastiga algo. Ela sorri para mim e acena quando entro.

– Parece que é o idiota do meu irmão – diz Zeke. – Vocês não deveriam estar aqui tão tarde. Cuidado, ou o Quatro pode contar para o Eric, e aí vocês vão se ferrar.

Uriah guarda a arma de brinquedo na cintura da calça, contra as costas, sem acionar a trava de segurança. Ele provavelmente vai acabar com uma ferida na bunda quando a arma disparar dentro da sua calça. Não comento nada.

Seguro a porta para que eles saiam. Ao passar por mim, Lynn diz:

– Você não nos deduraria ao Eric.

– Não, eu não faria isso – digo. Quando Tris passa por mim, estendo a mão, e ela se encaixa automaticamente no espaço entre suas omoplatas. Nem sei se meu gesto foi intencional ou não. E não me importo.

Os outros começam a descer o corredor. Nosso plano original de passar um tempo na sala de treinamento é esquecido quando Uriah e Zeke começam a discutir e Shauna e Marlene dividem o resto de um bolinho.

– Espere um pouco – digo para Tris. Ela se vira para mim com um olhar preocupado, então tento sorrir, mas é difícil sorrir em um momento como este.

Notei certa tensão na sala de treinamento quando divulguei as posições hoje mais cedo. Mas nunca pensei, quando estava somando os pontos dos iniciandos, que talvez devesse reduzir os pontos dela para protegê-la. Teria sido um insulto à sua habilidade nas simulações colocá-la em uma posição mais baixa na lista, mas talvez ela preferisse o insulto ao afastamento crescente entre ela e os outros transferidos.

Apesar de Tris estar pálida e exausta, e de haver pequenos cortes ao redor das suas unhas e uma expressão vacilante nos seus olhos, sei que esse não é o caso. Essa garota nunca gostaria de ser

resguardada seguramente no meio do grupo, nunca.

– Você sabe que aqui é o seu lugar, não sabe? – digo. – Seu lugar é conosco. Logo, isso tudo vai terminar, então aguente só mais um pouco, está bem?

De repente, sinto um calor na nuca e a coço com a mão, sem conseguir olhar nos olhos dela, embora consiga *senti-los* em mim enquanto o silêncio se estende.

Ela desliza os dedos entre os meus, e eu a encaro, perplexo. Aperto a mão dela de leve e, imerso em minha confusão e exaustão, percebo que, apesar de já ter tocado nela algumas vezes, sempre em um lapso de julgamento, esta é a primeira vez que ela retribuiu o toque.

Ela se vira e corre atrás dos seus amigos.

E eu fico parado no corredor, sozinho, sorrindo como um idiota.

+++

Passo quase uma hora tentando dormir, virando de um lado para o outro sob as cobertas à procura de uma posição confortável. Mas parece que alguém substituiu meu colchão por um saco de pedras. Ou talvez minha mente esteja agitada demais para dormir.

Acabo desistindo, calçando os sapatos, vestindo a jaqueta e caminhando até a Pira, como sempre faço quando não tenho sono. Penso em rodar o programa da paisagem do medo outra vez, mas me esqueci de reabastecer minha provisão de soro à tarde, e seria muito difícil conseguir um pouco agora. Decido seguir até a sala de controle, onde Gus me recebe com um grunhido, e os outros dois funcionários do turno nem notam quando entro.

Não tento bisbilhotar os arquivos de Max de novo. Acho que já sei tudo o que preciso saber, ou seja, que algo ruim vai acontecer, e não tenho a menor ideia se vou tentar impedir isso ou não.

Preciso contar a *alguém*, preciso de *alguém* com quem dividir este fardo, para me dizer o que devo fazer. Mas não há ninguém aqui a quem eu confiaria algo assim. Até os meus amigos nasceram e cresceram na Audácia; como saber se eles não acreditariam implicitamente nos seus líderes? É impossível.

Por algum motivo, o rosto de Tris me vem à mente, aberto, mas sério, segurando minha mão no corredor.

Observo as imagens de segurança, vendo as ruas da cidade, depois retornando ao complexo da Audácia. A maioria dos corredores está tão escura que eu não conseguiria ver nada, mesmo se houvesse algo para ver. Nos fones de ouvido, ouço apenas o correr da água do abismo e o assobio do vento pelos corredores. Suspiro, apoiando a cabeça na mão, e assisto às imagens mudando, uma seguida da outra, permitindo que elas me ninem em algo como um sono.

– Vá para a cama, Quatro – diz Gus do outro lado da sala.

Acordo com um susto e aceno com a cabeça. Se não estou realmente assistindo às imagens, não é uma boa ideia permanecer na sala de controle. Desconecto o meu usuário e desço o corredor até o

elevador, piscando para tentar acordar.

Ao atravessar o saguão, ouço um grito vindo de baixo, do Fosso. Não é um grito de diversão de alguém da Audácia, ou um grito de alguém que tomou um susto e gostou; não é nada além do tom alto e muito distinto que indica terror.

Pequenas pedras se espalham atrás de mim enquanto corro até o fundo do Fosso, com a respiração rápida e pesada, mas constante.

Três pessoas altas, com roupas pretas, estão perto da grade abaixo. Elas estão todas ao redor de uma quarta pessoa, mais baixa, e, apesar de não conseguir ver muita coisa, sei reconhecer uma briga. Na verdade, não é propriamente uma briga, porque são três contra um.

Um dos agressores se vira, me vê e corre na direção oposta. Ao me aproximar, vejo outro agressor levantar a vítima sobre o abismo e grito:

– Ei!

Vejo o cabelo dela, loiro, e quase não consigo enxergar mais nada. Choco-me contra um deles, Drew, que identifico pelo cabelo vermelho-alaranjado, e o lanço contra a grade do abismo. Soco o seu rosto uma, duas, três vezes, e ele desaba no chão, depois começo a chutá-lo, e não consigo pensar, não consigo pensar em nada.

– Quatro. – A voz dela é baixa, fraca, e é a única coisa capaz de me alcançar neste lugar. Ela está agarrada à grade, pendurada sobre o abismo, como uma isca em um anzol. O outro agressor fugiu.

Corro na direção dela, segurando-a sob os ombros, e a puxo por cima da grade. Abraço-a contra o meu corpo. Ela encosta o rosto no meu ombro, emaranhando seus dedos na minha camisa.

Drew está no chão, desmaiado. Ouço-o gemendo enquanto a levo embora, não para a enfermaria, onde seus agressores saberiam onde encontrá-la, mas para o meu apartamento, naquele corredor vazio e afastado. Empurro a porta, entro no apartamento e a deito na cama. Corro os dedos por seu nariz e suas bochechas para conferir se há alguma fratura, depois sinto o seu pulso e aproximo o meu rosto dela para ouvir a sua respiração. Tudo parece normal, estável. Até o galo atrás da sua cabeça, embora inchado e arranhado, não parece nada sério. Ela não está muito machucada, mas poderia ter se ferido seriamente.

Minhas mãos tremem quando me afasto dela. *Ela* não está muito machucada, mas talvez Drew esteja. Nem sei quantas vezes o acertei antes de ela chamar o meu nome e me acordar do meu transe. O resto do meu corpo também começa a tremer, e me certifico de que há um travesseiro apoiando sua cabeça antes de deixar o apartamento para voltar à grade ao lado do Fosso. No caminho, tento repassar os últimos minutos na minha mente, tento lembrar onde bati nele, quando e com quanta força, mas tudo está perdido em um acesso confuso de raiva.

Será que ele também se sentia assim?, penso, lembrando-me do olhar selvagem e desvairado de Marcus sempre que ele ficava com raiva.

Quando alcanço a grade, Drew ainda está lá, deitado em uma posição estranha. Apoio o braço dele nos meus ombros e o ergo o máximo que consigo, arrastando-o até a enfermaria.

+++

Quando volto para o apartamento, entro imediatamente no banheiro para lavar o sangue das mãos. Algumas juntas estão feridas, cortadas pelo impacto com o rosto de Drew. Se Drew estava lá, o outro agressor certamente era Peter, mas quem era o terceiro? Não era Molly. A figura era alta demais, grande demais. Aliás, só há um iniciando daquele tamanho.

Al.

Examino o meu reflexo no espelho, como se fosse ver pequenos pedaços do Marcus me encarando de volta. Há um corte no canto da minha boca. Será que Drew revidou em algum momento? Não importa. Meu lapso de memória não importa. O que importa é que Tris está respirando.

Mantenho as mãos sob a água gelada até ela voltar a correr transparente, depois as enxugo na toalha e vou buscar um saco de gelo no congelador. Quando levo o saco até ela, percebo que acordou.

– Suas mãos – diz ela, e é uma coisa tão ridícula de dizer, tão idiota, estar preocupada com minhas *mãos* depois de ser pendurada pelo pescoço sobre o abismo.

– Você não precisa se preocupar com minhas mãos – respondo, irritado.

Inclino-me sobre ela, posicionando o saco de gelo sob sua cabeça, onde senti o galo mais cedo. Ela levanta a mão e toca a minha boca de leve com as pontas dos dedos.

Nunca pensei ser possível sentir um toque dessa maneira, como um choque. Seus dedos são macios, curiosos.

– Tris – digo –, eu estou bem.

– Por que você estava lá?

– Eu estava voltando da sala de controle. Ouvi um grito.

– O que você fez com eles?

– Deixei Drew na enfermaria há meia hora. Peter e Al correram. Drew disse que eles estavam apenas tentando assustar você. Pelo menos, eu acho que era isso o que estava tentando dizer.

– Ele está muito machucado?

– Ele vai sobreviver. Só não sei em que condições – digo com raiva.

Eu não deveria permitir que ela visse esse meu lado, o lado que sente prazer com a dor de Drew. Eu não deveria nem *ter* esse lado.

Ela estende a mão e aperta o meu braço.

– Que bom – diz.

Eu a encaro. Ela também tem esse lado, com certeza tem. Vi como Tris ficou quando bateu na Molly, como se quisesse continuar, mesmo com a oponente inconsciente. Talvez ela e eu sejamos iguais.

Tris contorce o rosto, depois começa a chorar. Geralmente, quando alguém chora na minha frente, sinto-me comprimido, como se precisasse escapar da sua companhia para respirar. Não é assim com

ela. Com Tris, não me preocupo que ela espere demais de mim ou que precise de qualquer coisa de mim. Ajoelho-me no chão, para ficarmos no mesmo nível, e a observo por um instante. Depois, levo a mão à sua bochecha, com cuidado para não tocar nenhuma das suas feridas, que ainda estão inchando. Corro o dedo pela maçã do seu rosto. A pele dela está morna.

Não encontro a palavra certa para descrever sua aparência, mas mesmo agora, com partes do rosto inchadas e manchadas por hematomas, há algo de surpreendente nela, algo que eu nunca tinha percebido antes.

Neste momento, consigo aceitar a inevitabilidade do que sinto, embora não com alegria. Preciso conversar com alguém. Preciso confiar em alguém. E, embora não saiba por que, eu sei, *sei* que ela é a pessoa certa.

Vou ter que começar revelando o meu nome.

+++

Aproximo-me de Eric na fila do café da manhã, parando atrás dele com minha bandeja enquanto ele usa uma colher com cabo longo para se servir de ovo mexido.

– Se eu dissesse que um dos iniciandos foi atacado ontem à noite por um grupo de outros iniciandos – digo –, você se importaria?

Ele empurra os ovos para um lado do prato e ergue um ombro.

– Poderia me importar com o fato de o instrutor deles parecer estar perdendo o controle dos seus iniciandos – diz Eric, enquanto pego uma tigela de cereais. Ele olha para as juntas feridas na minha mão. – Poderia me importar com o fato de que o suposto ataque já seria o *segundo* sob o comando do tal instrutor... Enquanto isso, os iniciandos nascidos na Audácia não parecem ter o mesmo problema.

– As tensões entre os transferidos são naturalmente maiores. Eles não se conhecem, não conhecem essa facção, e seus históricos são completamente diferentes. E você é líder deles. Será que você não deveria ser o responsável por mantê-los ‘sob controle’?

Ele coloca uma fatia de torrada ao lado dos ovos usando uma pinça. Depois, aproxima-se do meu ouvido.

– Você está brincando com fogo, *Tobias* – diz ele. – Discutindo comigo na frente dos outros. Resultados de simulações ‘perdidos’. Sua preferência escancarada pelos iniciandos mais fracos nas posições. Até o Max já concorda comigo. Se um ataque realmente *tivesse* acontecido, acho que ele não ficaria muito feliz com você, e talvez concordasse se eu sugerisse que você fosse removido do seu posto.

– Você ficaria sem um instrutor uma semana antes do fim da iniciação.

– Consigo terminar isso sozinho.

– Já consigo *imaginar* como seria o treinamento sob seu controle – digo, semicerrando os olhos. – Nem precisaríamos fazer cortes. Eles todos morreriam ou abandonariam a iniciação por conta

própria.

– Se não tiver cuidado, não precisará imaginar nada. – Ele chega ao fim da fila e se vira para mim. – Ambientes competitivos geram tensões, Quatro. É natural que as tensões sejam liberadas de alguma maneira. – Ele abre um pequeno sorriso, esticando a pele entre seus piercings. – Um ataque certamente nos mostraria, em uma situação real, quem são os fortes e quem são os fracos, não acha? Assim, nem precisaríamos dos resultados dos testes. Poderíamos tomar uma decisão com mais embasamento sobre quem pertence a este lugar ou não. Isto é... se um ataque realmente tivesse acontecido.

A implicação do que ele está dizendo é clara: como sobrevivente do ataque, Tris seria vista como mais fraca do que os outros iniciandos, e como alguém a ser eliminado. Eric não tentaria salvar a vítima, preferindo defender a sua expulsão da Audácia, como fez antes de Edward decidir ir embora por conta própria. Não quero que Tris seja forçada a se tornar uma sem-facção.

– Está certo – digo baixinho. – Que bom que não ocorreu nenhum ataque recentemente, então.

Derramo um pouco de leite na minha tigela de cereais e caminho até a mesa. Eric não punirá Peter, Drew ou Al, e não posso fazer nada sem sair da linha e sofrer as consequências. Mas talvez não precise fazer isso sozinho. Pouso a bandeja na mesa, entre Zeke e Shauna, e digo:

– Preciso da ajuda de vocês.

+++

Depois que a explicação sobre a paisagem do medo acaba e os iniciandos são liberados para almoçar, levo Peter para a sala de observação, ao lado da sala vazia de simulação. Nela há fileiras de cadeiras para os iniciandos se sentarem enquanto esperam para realizar os seus exames finais. Lá, também estão Zeke e Shauna.

– Precisamos ter uma conversa – digo.

Zeke pula na direção de Peter, lançando-o contra a parede de concreto com uma força preocupante. Peter bate com a cabeça na parede e contrai o rosto.

– Oi, tudo bem? – diz Zeke, e Shauna se aproxima deles, girando uma faca na palma da mão.

– O que está acontecendo? – pergunta Peter. Ele não parece nem um pouco amedrontado, mesmo quando Shauna segura o cabo da faca e encosta a ponta na sua bochecha, criando uma covinha. – Estão tentando me *assustar*? – Ele ri com deboche.

– Não – digo. – Estamos tentando provar uma coisa. Você não é o único que tem amigos dispostos a causar algum prejuízo.

– Acho que os instrutores da iniciação não deveriam ameaçar iniciandos, você não concorda? – Peter me encara com os olhos arregalados que eu até poderia confundir com inocência, se não conhecesse a sua verdadeira natureza. – Mas precisarei perguntar ao Eric, só para ter certeza.

– Eu não o ameacei – digo. – Não estou nem tocando em você. E, segundo as imagens

armazenadas nos computadores da sala de controle, nem estamos aqui agora.

Zeke abre um sorriso, como se não conseguisse se conter. Essa ideia foi dele.

– Sou eu quem está ameaçando você – diz Shauna, quase rosnando. – Mais um acesso de violência e vou lhe ensinar uma coisa sobre justiça. – Ela segura a ponta da faca diante do olho dele e a abaixa bem devagar, pressionando-a contra sua pálpebra. Peter fica paralisado, mal se mexendo, nem para respirar. – Olho por olho. Ferida por ferida.

– Eric talvez não se importe por você perseguir seus colegas – diz Zeke –, mas nós nos importamos, e existem muitos membros da Audácia como nós. Pessoas que acreditam que não devemos agredir nossos colegas de facção. Pessoas que ouvem fofocas e as espalham rapidamente. Não demorará muito para revelarmos a eles o tipo de verme que você é, ou para eles tornarem a sua vida muito, muito difícil. Sabe, na Audácia, a primeira impressão é a que costuma ficar.

– Vamos começar por todos os seus possíveis empregadores – diz Shauna. – O Zeke pode falar com os supervisores da sala de controle, e eu posso falar com os líderes da cerca. A Tori conhece todos no Fosso. Quatro, você é amigo da Tori, não é?

– Sou, sim – digo. Aproximo-me de Peter e inclino a cabeça para o lado. – Você pode até conseguir causar dor aos outros, iniciando... mas nós conseguiremos lhe causar uma vida inteira de sofrimento.

Shauna afasta a faca do olho de Peter.

– Pense sobre isso – diz ela.

Zeke solta a camisa de Peter e a alisa, ainda com um sorriso no rosto. De alguma maneira, a combinação da ferocidade de Shauna e da animação de Zeke é estranha o bastante para ser ameaçadora. Zeke acena para Peter, e todos deixamos a sala juntos.

– Você quer que conversemos com as pessoas de qualquer maneira, não é? – pergunta Zeke.

– Sim, claro – respondo. – Com certeza. Não apenas sobre Peter, mas também Drew e Al.

– Quem sabe, se ele sobreviver à iniciação, eu o faça tropeçar sem querer e cair dentro do abismo – diz Zeke com a voz esperançosa, fazendo um gesto de mergulho com a mão.

+++

Na manhã seguinte, há uma multidão reunida ao redor do abismo, todos parados em silêncio, embora o cheiro do café da manhã seja bastante convidativo na direção do refeitório. Não pergunto por que eles estão reunidos.

Ouvi dizer que isso acontece quase todo ano. Uma morte. Como a de Amah, repentina, terrível e um desperdício. Um corpo pescado do abismo, como um peixe em um anzol. Geralmente, é alguém jovem, um acidente causado por algum desafio perigoso que deu errado ou talvez não seja um acidente, mas uma mente ferida, ainda mais prejudicada pela escuridão, pela pressão e pela dor da Audácia.

Não sei como me sentir a respeito dessas mortes. Culpado, talvez, por não ter percebido a dor. Triste, porque certas pessoas não conseguem encontrar outra forma de escapar.

Ouço o nome do falecido dito por alguém adiante, e as duas emoções me atingem com tudo.

Al. Al. Al.

Meu iniciando, *minha responsabilidade*, e eu falhei, porque estive tão obcecado em pegar Max e Jeanine, ou em culpar Eric por tudo, ou na minha decisão a respeito de avisar a Abnegação ou não. Mas nada me incomoda tanto quanto isto: distanciei-me deles pela minha própria proteção, quando deveria estar ajudando-os a sair dos lugares obscuros deste lugar, na direção de lugares mais claros. As risadas com amigos nas pedras do abismo. As tatuagens de madrugada, depois de um jogo de Desafio. Os mares de abraços após o anúncio das posições. Poderia ter mostrado a ele essas coisas. Mesmo se não o tivesse ajudado, deveria ter tentado.

Mas sei de uma coisa: depois que a iniciação deste ano acabar, Eric não terá que se esforçar para me tirar do meu posto. Para mim, já chega.

+++

Al. Al. Al.

Por que será que todos os mortos se tornam heróis na Audácia? Por que precisamos que eles se tornem? Talvez, sejam os únicos heróis que conseguimos encontrar em uma facção de líderes corruptos, colegas competitivos e instrutores cínicos. Os mortos podem ser nossos heróis porque não podem mais nos decepcionar; eles apenas melhoram com o tempo, à medida que esquecemos cada vez mais como eram em vida.

Al era inseguro e sensível, depois se tornou invejoso e violento, e então morreu. Homens mais delicados do que Al já sobreviveram, e homens mais durões do que ele já morreram, e não há explicação para nada disso.

Mas Tris quer uma explicação, anseia por uma, e consigo perceber isso na expressão do seu rosto, como um tipo de fome. Ou de raiva. Ou dos dois. Imagino que não seja fácil gostar de uma pessoa, depois odiá-la, e então perdê-la, antes de conseguir absorver esses sentimentos. Sigo-a para longe da multidão que grita, porque sou arrogante o bastante para acreditar que posso fazê-la se sentir melhor.

É, até parece. Talvez eu a siga porque estou cansado de ficar tão afastado de todos, e não tenho mais certeza de que essa é a melhor escolha para mim.

– Tris – digo.

– O que você está fazendo aqui? – pergunta ela, amargamente. – Você não deveria estar prestando as condolências?

– E você, não deveria? – Aproximo-me dela.

– Não posso prestar condolências a alguém que não respeito. – Por um instante, fico surpreso que

ela consiga ser tão fria. Tris nem sempre é simpática, mas não costuma agir com indiferença. Ela demora apenas um segundo para balançar a cabeça. – Desculpe, isso não é verdade.

– Ah.

– Isso é ridículo – diz ela, ruborizando. – Ele se joga de um abismo, e Eric o chama de corajoso? Eric, que tentou fazer com que você atirasse facas na cabeça do Al? – O rosto dela se contorce. – Ele não era corajoso! Estava deprimido, era um covarde e quase me matou! É esse o tipo de coisa que devemos respeitar aqui?

– O que você quer que eles façam? – pergunto, da maneira mais gentil possível, o que não é grande coisa. – O condenem? Al já está morto. Ele não poderá ouvir sua condenação. Já é tarde demais para isso.

– A questão não é o Al – diz ela. – A questão são todas as pessoas que estão assistindo! Todas as pessoas que agora acreditam que se jogar do abismo é uma opção válida. Quer dizer, por que não se matar se todos o chamarão de herói depois? Por que não se matar, se todos lembrarão o seu nome? – Mas é claro que a questão é o Al, e ela sabe disso. – É... – Ela está se esforçando, lutando contra si mesma. – Não consigo... Isso *nunca* teria acontecido na Abnegação! Nada disso! Nunca. Este lugar o transformou e o destruiu, e eu não me importo se dizer isso faz de mim uma Careta, não me importo, não me *importo*!

Minha paranoia é tão enraizada que olho automaticamente para a câmera escondida na parede próxima ao bebedouro, disfarçada por uma lâmpada azul. As pessoas na sala de controle conseguem nos ver, e, se a sorte nos falhar, eles também poderão escolher este momento para escutar o que estamos falando. Já consigo imaginar o Eric chamando a Tris de traidora de facção e o corpo dela jogado na calçada, perto dos trilhos...

– Cuidado, Tris! – digo.

– Isso é tudo o que você tem a dizer? – Ela franze a testa ao me encarar. – Que eu devo ter *cuidado*? Só isso?

Entendo que a minha resposta não é bem o que ela esperava, mas, para alguém que acabou de recriminar a imprudência da Audácia, ela certamente está agindo como um deles.

– Você é pior do que um membro da Franqueza, sabia? – digo. Os membros da Franqueza nunca calam a boca ou pensam nas consequências das suas palavras. Eu a puxo para longe do bebedouro, e então aproximo meu rosto do seu, e consigo ver seus olhos mortos flutuando na água do rio subterrâneo, e não aguento mais, não depois de ela ter sido atacada em uma situação na qual só Deus sabe o que poderia ter acontecido se eu não tivesse ouvido o seu grito.

– Só vou dizer isso uma vez, então escute bem. – Pouso as mãos nos seus ombros. – Eles estão observando você. *Você*, em especial.

Lembro-me do olhar de Eric para ela depois da sessão de lançamento de facas. Das suas perguntas sobre os dados de simulação dela, apagados. Eu disse que eles haviam sido apagados por um dano causado pela água. Ele achou interessante que esse dano ocorreu apenas cinco minutos

depois do fim da simulação de Tris. *Interessante*.

– Me solta – diz ela.

Eu a solto imediatamente. Não gosto de como a voz dela soa.

– Eles também estão observando você?

Sempre observaram e nunca vão deixar de observar.

– Eu fico tentando te ajudar – digo –, mas você se recusa a ser ajudada.

– Ah, tá. Que *ajuda*! – diz ela. – Cortar minha orelha com uma faca, me provocar e gritar comigo mais do que com qualquer outra pessoa realmente são coisas que me ajudam muito.

– Provocar você? Você quer dizer, quando eu atirei as facas? Eu não estava provocando você. – Balanço a cabeça. – Eu estava tentando fazer você se lembrar de que, se você fracassasse, outra pessoa teria que tomar o seu lugar.

Para mim, naquele momento, isso pareceu quase óbvio. Pensei que, como Tris parecia me compreender melhor do que a maioria das pessoas, também entenderia aquilo. Mas é claro que não entendeu. Ela não consegue ler a minha mente, afinal.

– Por quê? – pergunta ela.

– Porque... você é da Abnegação – digo –, e... é exatamente nos momentos em que você está agindo de maneira altruísta que você é mais corajosa. Se eu fosse você, me esforçaria mais para fingir que esse impulso altruísta está passando, porque, se as pessoas erradas descobrirem... bem, não será nada bom para você.

– Por quê? Por que eles estão tão interessados nas minhas intenções?

– As únicas coisas que interessam a eles são as intenções. Eles tentam convencê-los de que se importam com o que vocês fazem, mas não é verdade. Eles não querem que vocês ajam de determinada maneira. Querem que vocês *pensem* de determinada maneira. Para que seja fácil decifrá-los. Para que vocês não sejam uma ameaça para eles.

Apoio a mão na parede perto do seu rosto e me inclino sobre ela, pensando nas tatuagens que formam uma linha nas minhas costas. Ter feito as tatuagens não me tornou um traidor da facção, mas o que elas significaram para mim, sim: uma fuga do pensamento tacanho inerente a qualquer facção, a mentalidade que dilacera todas as diferentes partes de mim, reduzindo-me a uma única versão de mim mesmo.

– Eu não entendo por que eles se importam tanto com o que eu estou pensando, se eu estiver agindo de acordo com o que eles querem – diz ela.

– Você está agindo como eles querem agora, mas o que acontecerá quando o seu cérebro com inclinação para a Abnegação a levar a fazer algo diferente, algo que eles não querem que você faça?

Por mais que eu goste dele, Zeke é um exemplo perfeito disso. Nascido na Audácia, criado na Audácia, e que escolheu a Audácia. Tenho certeza de que ele sempre encarará as coisas da mesma maneira. Ele foi treinado assim desde criança. Para ele, não existem opções.

– Talvez eu não precise da sua ajuda! Já pensou nisso? – pergunta ela. Quase caio na gargalhada.

É claro que ela não precisa de mim. Essa nunca foi a questão. – Não sou fraca, sabia? Posso encarar isso sozinha.

– Você pensa que o meu instinto imediato é proteger você. – Mudo a posição do corpo, aproximando-me um pouco mais dela. – Porque você é pequena, ou uma menina, ou uma Careta. Mas você está enganada.

Chego ainda mais perto. Toco o seu queixo e, por um instante, penso em cobrir a distância entre nós completamente.

– Meu instinto *imediato* é de pressionar você até que você ceda, só para ver o quanto terei que empurrar – digo, e é uma confissão estranha, uma confissão perigosa. Não desejo nenhum mal a ela, nunca desejei, e espero que ela entenda que não é isso que quero dizer. – Mas eu me contenho.

– Por que é este o seu instinto imediato?

– Porque o medo não faz com que você se apague – digo. – Ele faz com que você acenda. Já vi isso acontecendo com você. É fascinante. – Seus olhos, em todas as simulações do medo, parecem gelo e aço e chama azul. A garota baixa e magra com os braços fortes. Uma contradição ambulante. Minha mão desliza pela sua mandíbula e toca o seu pescoço. – Às vezes, eu quero apenas ver de novo. Ver você acesa.

A mão dela toca a minha cintura, e ela pressiona seu corpo no meu, ou me puxa para junto do dela, não sei bem qual dos dois. Suas mãos acariciam as minhas costas, e eu a *quero*, com uma intensidade que nunca senti antes, não apenas um impulso físico e irracional, mas um desejo real e específico. Não por "alguém", mas por *ela*.

– Será que eu deveria estar chorando? – pergunta ela, e demoro um pouco para me dar conta de que ela voltou a falar sobre o Al. Que bom, porque, se este abraço a tivesse deixado com vontade de chorar, eu precisaria admitir que não sei nada sobre romance. Aliás, talvez não saiba mesmo. – Será que há algo de errado comigo?

– Você acha que eu entendo alguma coisa de lágrimas? – As minhas brotam sem razão e desaparecem segundos depois.

– Se eu o tivesse perdoado... você acha que ele estaria vivo agora?

– Não sei. – Pouso a mão na sua bochecha, e meus dedos se estendem até a orelha dela. Tris realmente é pequena. Mas não me importo.

– Sinto que isso tudo é minha culpa.

Eu também sinto que é minha culpa.

– Não é sua culpa. – Apoio a testa na dela. Sua respiração quente toca o meu rosto. Eu estava certo, isto é melhor do que manter distância, muito melhor.

– Mas eu devia. Devia tê-lo perdoado.

– Talvez. Talvez todos nós pudéssemos ter feito mais por ele – digo, depois solto um chavão da Abnegação sem querer: – Mas nós devemos apenas fazer com que a culpa nos ajude a fazer mais no futuro.

Ela se afasta imediatamente, e sinto o impulso familiar de ser cruel com ela, para que ela esqueça o que eu disse, para não me fazer perguntas.

– De que facção você veio, Quatro?

Acho que você sabe.

– Isso não importa. É aqui que estou agora. E você deveria se lembrar disso também.

Não quero mais estar perto dela; ao mesmo tempo, isso é tudo o que quero fazer.

Quero beijá-la; agora não é a hora.

Roço os lábios em sua testa, e nenhum de nós dois se move. Agora não há mais como voltar atrás, não para mim.

+++

Algo que ela disse ecoa na minha mente o dia inteiro. *Isso nunca teria acontecido na Abnegação.*

A princípio, penso, *Ela simplesmente não sabe como eles realmente são.*

Mas estou errado, e ela está certa. Al não teria morrido na Abnegação, e também não a teria atacado. Eles talvez não sejam tão puros quanto eu acreditava, ou queria acreditar, mas certamente não são maus.

Vejo o mapa do setor da Abnegação que encontrei no computador de Max gravado na parte interna de minhas pálpebras sempre que fecho os olhos. Sou um traidor de qualquer maneira, alertando-os ou não. Sou um traidor de qualquer maneira, para uma coisa ou outra. Portanto, se a lealdade é impossível, pelo que devo lutar?

+++

Demoro algum tempo para bolar um plano. Se ela fosse uma garota normal da Audácia e eu fosse um garoto normal da Audácia, eu a chamaria para sair comigo, e nós daríamos uns amassos perto do abismo, e talvez eu exibisse o meu conhecimento sobre a sede da Audácia. Mas isso parece normal demais depois das coisas que dissemos um para o outro, depois que vi as partes mais sombrias da sua mente.

Talvez seja esse o problema. Agora, a situação está muito unilateral, porque sei tudo sobre ela, sei do que ela tem medo, o que ama e odeia, mas tudo o que ela sabe sobre mim é o que contei para ela. E o que revelei é tão vago que é como se eu estivesse sendo negligente, porque não sou muito bom com detalhes.

Depois disso, sei o que fazer; o problema é como fazê-lo.

Ligo o computador na sala da paisagem do medo e o preparo para rodar com o meu programa. Pego duas seringas de soro de simulação no depósito e guardo-as na pequena caixa de madeira que tenho justamente para isso. Depois, sigo até o dormitório dos transferidos, sem saber ao certo como

conseguirei ficar sozinho com ela tempo o bastante para convidá-la a vir comigo.

Mas então vejo-a com Will e Christina, perto da grade, e sinto que deveria chamá-la, mas não consigo. Será que estou louco em pensar em deixá-la entrar na minha cabeça? Deixar que ela veja Marcus, descubra meu nome, e saiba tudo o que me esforcei tanto para esconder?

Começo a subir o caminho do Fosso outra vez, com o estômago revirando. Alcanço o saguão, e as luzes da cidade estão começando a se apagar ao meu redor. Ouço passos na escada. Ela veio atrás de mim.

Viro a caixa preta na mão.

– Já que você está aqui – digo, fingindo um tom casual, o que é ridículo –, é melhor que venha comigo de uma vez.

– Para dentro da paisagem do medo?

– É.

– Eu posso fazer isso?

– O soro nos conecta ao programa, mas é ele que determina de quem será a paisagem na qual entraremos. E agora ele está programado para reproduzir a minha.

– Você vai deixar que eu veja a sua paisagem do medo?

Não consigo realmente olhar para ela.

– Por que você acha que eu estou entrando? – Meu estômago está doendo ainda mais. – Quero te mostrar algumas coisas.

Abro a caixa e retiro a primeira seringa. Ela inclina a cabeça para o lado, e injeto o soro, como sempre fazemos durante as simulações do medo. Mas, em vez de me injetar com a outra seringa, ofereço a ela a caixa. O objetivo disso é ficarmos quites, afinal.

– Nunca fiz isso antes – diz ela.

– Bem aqui. – Toco no lugar onde a seringa deve ser injetada. Ela treme um pouco ao inserir a agulha, e a dor profunda é familiar, mas não me incomoda mais. Já fiz isso muitas vezes. Observo seu rosto. Não há como voltar atrás, não há como voltar atrás. É hora de ver do que nós dois somos feitos.

– Tente descobrir por que me chamam de Quatro.

A porta se fecha atrás de nós, e a sala fica escura. Ela se aproxima de mim e pergunta:

– Qual é o seu verdadeiro nome?

– Tente descobrir isso também.

A simulação começa.

A sala se abre, revelando um vasto céu azul, e nós dois estamos no teto de um edifício, cercados pela cidade, que reluz sob o sol. Ela parece linda por apenas alguns segundos, antes de o vento começar a soprar, impiedoso e poderoso. Coloco o braço ao redor dela, porque sei que, neste lugar, ela é mais estável do que eu.

Respiro com dificuldade, o que é normal para mim quando estou aqui. O turbilhão de ar me

sufoca, e a altura me dá vontade de me encolher e me esconder.

– Precisamos pular, não é? – pergunta ela, e eu me lembro de que não posso simplesmente fugir; preciso encarar isso agora.

Faço que sim com a cabeça.

– No três, está bem?

Assinto outra vez. Tudo o que preciso fazer é segui-la, só isso.

Ela conta até três e me puxa enquanto corre, como se ela fosse um veleiro, e eu a âncora, empurrando os dois para baixo. Nós dois caímos, e luto contra a sensação com todas as minhas forças, com o terror gritando em cada nervo do meu corpo, e, de repente, estou no chão, agarrando o peito.

Ela me ajuda a levantar. Sinto-me idiota, lembrando como Tris escalou a roda gigante sem hesitar.

– E o que vem em seguida?

Quero falar para ela que isto não é um jogo; meus medos não são atrações de um parque de diversões. Mas não deve ser isso que ela quis dizer.

– É...

As paredes vêm de todos os lados, atingindo as suas costas, as minhas costas, nossas costelas. Ela se espreme contra meu corpo, mais perto do que jamais estivemos.

– Confinamento – digo, e a situação é pior com ela aqui, usando metade do ar. Solto um pequeno gemido, inclinando-me sobre ela. Odeio estar aqui. *Odeio* estar aqui.

– Ei – diz ela. – Está tudo bem. Veja...

Ela puxa o meu braço ao redor do seu corpo. Sempre pensei nela como uma pessoa magra, mas sua cintura é macia.

– É a primeira vez que me sinto feliz por ser tão pequena – diz ela.

– Mmmm.

Ela fala sobre como podemos escapar. Uma estratégia para a paisagem do medo. Mas só estou tentando me concentrar em respirar. Depois, ela puxa nossos corpos para baixo e se vira, encostando as costas no meu peito, e eu a envolvo completamente.

– Isto é pior – digo, porque, com a combinação do meu nervosismo a respeito da caixa e o meu nervosismo a respeito de tocá-la, não consigo nem pensar direito. – Isto é muito...

– Silêncio. Coloque os braços ao redor de mim.

Coloco o braço em volta da sua cintura e enterro o rosto em seu ombro. Ela cheira a sabonete da Audácia e a um cheiro doce, como maçã.

Ela começa a falar novamente sobre a paisagem do medo, e eu ouço, mas também estou concentrado em como ela está se *sentindo*.

– Então tente se esquecer de que estamos aqui – conclui ela.

– É mesmo? – Aproximo a minha boca da sua orelha, desta vez de propósito, para manter a

distração em andamento, e também porque desconfio que não sou o único que está distraído. – É fácil assim, não é?

– Sabe, a maioria dos garotos adoraria estar trancada em um lugar fechado com uma garota.

– Não os claustrofóbicos, Tris!

– Tudo bem, tudo bem. – Ela guia a minha mão até seu peito, bem abaixo da clavícula. De repente, só consigo pensar no que quero, que não tem nada a ver com sair da caixa. – Sinta o ritmo do meu coração. Você consegue senti-lo?

– Sim.

– Você percebe como ele está estável?

Abro um sorriso, com o rosto contra o seu ombro.

– Ele está acelerado.

– É, bem, mas isso não tem nada a ver com a caixa. – É claro que não. – Toda vez que você me sentir respirar, respire junto. Concentre-se nisso.

Respiramos juntos, uma, duas vezes.

– Por que você não me diz de onde vem este medo? Talvez falar sobre isso nos ajude... de alguma maneira.

Sinto que este medo já deveria ter desaparecido, mas ela está me mantendo em um nível constante de inquietude aguçada, e não acabando completamente com o meu medo. Tento me concentrar na origem desta caixa.

– Bem... está bem. – *Está certo, vamos lá, apenas diga algo real*. – Vem... da minha maravilhosa infância. Castigos para uma criança. O minúsculo armário do andar de cima.

Trancado no escuro para pensar no que fiz. Era melhor do que os outros castigos, mas, às vezes, eu passava tempo demais lá, desesperado por ar puro.

– Minha mãe mantinha nossas roupas de inverno no armário – diz ela, uma coisa tola para se dizer depois do que acabei de revelar a ela, mas dá para perceber que ela não sabe mais o que fazer.

– Eu não quero mais falar sobre isso – digo, arquejando. Ela não sabe o que dizer porque ninguém saberia o que dizer, pois a minha dor da infância é patética demais para que outras pessoas lidem com ela. Meu batimento cardíaco acelera outra vez.

– Tudo bem. Então... eu posso falar. Pergunte-me alguma coisa.

Levanto a cabeça. Isso estava funcionando antes, concentrar-me nela. Seu coração está disparado, e seu corpo está apertado junto ao meu. Dois fortes esqueletos envoltos em músculos, enlaçados; dois transferidos da Abnegação esforçando-se para deixar a tentação do flerte de lado.

– Por que o seu coração está batendo tão rápido, Tris?

– Bem, eu... Eu mal o conheço. – Consigo imaginá-la fazendo uma careta. – Eu mal o conheço, e estou espremida dentro de uma caixa com você, Quatro. O que você esperava?

– Se esta fosse a sua paisagem do medo... – digo – eu estaria nela?

– Não tenho medo de você.

– Claro que você não tem. Mas não foi isso o que eu quis dizer. – O que quis dizer não foi *Você tem medo de mim?*, mas *Sou importante o bastante para aparecer na sua paisagem de qualquer maneira?*

Provavelmente, não. Ela tem razão, mal me conhece. Mesmo assim, o coração dela está disparado.

Solto uma risada, e as paredes quebram, como se minha risada as tivesse abalado e destruído, e o ar se abre ao redor de nós. Respiro fundo, e nos afastamos um do outro. Ela olha para mim, desconfiada.

– Talvez você pertença mesmo é à Franqueza, porque você é uma péssima mentirosa – digo.

– Acho que o meu teste de aptidão descartou completamente essa possibilidade.

– Os testes de aptidão não significam nada.

– O que você está tentando me dizer? Não foi por causa do seu teste que você veio parar na Audácia?

Dou de ombros.

– Não exatamente. Eu...

Vejo algo pelo canto do olho e viro-me para encará-lo. Uma mulher com o rosto comum e facilmente esquecível está parada, sozinha, do outro lado da sala. Entre ela e nós há uma mesa, sobre a qual se encontra uma arma.

– Você precisa matá-la – diz Tris.

– Todas as vezes.

– Ela não é real.

– Ela parece real. Isso tudo parece real.

– Se ela fosse real, já teria matado *você*.

– Tudo bem. É só eu... acabar logo com isso. – Começo a caminhar em direção à mesa. – Esta não é tão difícil assim. Não me causa tanto pânico.

O pânico e o terror não são os únicos tipos de medo. Existem outros mais profundos, mais terríveis. A apreensão e o pavor extremamente profundo.

Carrego a arma sem nem pensar duas vezes, aponto-a para a frente e olho para o rosto da mulher. Ele está inexpressivo, como se ela soubesse o que farei e aceitasse isso.

Ela não veste as roupas de nenhuma facção, mas poderia ser da Abnegação, parada assim, esperando que eu a machuque, como eles fariam. Como eles farão se Max, Jeanine e Evelyn conseguirem o que querem.

Fecho um olho para me concentrar no meu alvo e disparo.

Ela desaba, e penso nos socos que dei em Drew até ele quase perder a consciência.

A mão de Tris agarra o meu braço.

– Venha. Vamos embora. Vamos seguir em frente – diz ela.

Passamos diante da mesa, e estremeço de medo. Esperar pelo próximo obstáculo talvez seja um

medo por si só.

– Lá vamos nós – digo.

Esgueirando-se para dentro do círculo de luz que agora ocupamos, caminhando ao redor dele, de modo que apenas a ponta do seu sapato fique visível. Então, ele se aproxima de nós, Marcus, com cavidades escuras no lugar dos olhos, as roupas cinza e o cabelo raspado que exibe os contornos do seu crânio.

– Marcus – sussurra ela.

Eu o observo. Esperando pelo primeiro golpe.

– Esta é a parte em que você descobre meu nome – digo.

– Será que ele é... – Agora ela sabe. Ela saberá para sempre. Não poderei fazê-la esquecer, se quiser. – Tobias.

Faz muito tempo que ninguém diz meu nome dessa maneira, como uma revelação, e não uma ameaça.

Marcus desenrola um cinto do seu punho.

– Isso é para o seu próprio bem – diz ele, e sinto vontade de gritar.

Ele se multiplica imediatamente, cercando-nos, com os cintos arrastando nos ladrilhos brancos. Encolho-me, inclinando o corpo para a frente, esperando, esperando. O cinto é jogado para trás, e contraio o rosto antes mesmo de ele me atingir, mas isso não acontece.

Tris está parada diante de mim, com o braço levantado, tensa da cabeça aos pés. Ela range os dentes enquanto o cinto se enrosca em seu braço, depois o arranca da mão dele e o golpeia. O movimento é tão poderoso que fico impressionado com o quão forte parece, com a *força* com a qual o cinto atinge a pele de Marcus.

Ele se lança contra Tris, e eu me posiciono entre os dois. Desta vez, estou pronto. Pronto para contra-atacar.

Mas o momento não chega. As luzes se acendem, e a paisagem do medo termina.

– Já acabou? – diz ela, e encaro o lugar onde Marcus estava. – Estes eram os seus piores medos? Por que você só tem quatro... Ah.

Ela olha para mim.

– É por isso que o chamam de...

Eu temia que, se ela soubesse do meu pai, olharia para mim com pena, e isso me faria sentir fraco, pequeno e vazio.

Mas ela viu Marcus e o encarou, com raiva e sem medo. Ela não me fez sentir fraco, mas poderoso. Poderoso o bastante para contra-atacar.

Eu a puxo para perto de mim pelo cotovelo e beijo a sua bochecha lentamente, deixando que sua pele esquente a minha. Seguro-a junto a mim, debruçando-me para perto dela.

– Ei. – Ela suspira. – Nós conseguimos.

Corro meus dedos pelo seu cabelo.

– *Você* me ajudou a conseguir – digo.

+++

Levo-a para as pedras onde costumo ir às vezes com Zeke e Shauna, de madrugada. Tris e eu nos sentamos em uma pedra plana suspensa sobre a água, e os respingos encharcam as minhas botas, mas não está muito frio, então não ligo. Como todos os iniciandos, ela está concentrada demais no teste de aptidão, e me esforço para conversar com ela sobre ele. Pensei que, ao revelar um segredo, os outros viriam naturalmente, mas começo a perceber que ser mais aberto é um hábito que desenvolvemos com o tempo, e não algo que tenha um interruptor que ligamos quando bem entendemos.

– Não falo dessas coisas para qualquer um, sabia? Nem para os meus amigos. – Observo a água escura e lamacenta e as coisas que ela carrega: pedaços de lixo, roupas descartadas, garrafas flutuantes como pequenos barcos seguindo em uma jornada. – Meu resultado foi o esperado. Abnegação.

– Ah. – Ela franze a testa. – Mas você escolheu a Audácia mesmo assim?

– Por necessidade.

– Por que você precisava sair da Abnegação?

Desvio o olhar, sem saber se posso revelar minhas razões, porque admiti-las faz de mim um traidor da facção, e faz com que eu me sinta um covarde.

– Você precisava fugir do seu pai – diz ela. – É por isso que você não quer ser um líder da Audácia? Porque talvez precisasse vê-lo novamente?

Dou de ombros.

– Por isso e porque eu nunca me senti como se realmente pertencesse à Audácia. Pelo menos, não da maneira como a facção é agora. – Não é exatamente verdade. Não sei se esta é a hora certa de revelar a ela o que sei sobre Max, Jeanine e o ataque. De forma egoísta, quero manter este momento apenas para mim, só por mais um tempinho.

– Mas você é... incrível – diz ela. Levanto as sobrancelhas ao olhar para ela. Ela parece envergonhada. – Quer dizer, pelos padrões da Audácia. Quatro medos é algo inédito. Como este poderia não ser o seu lugar?

Dou de ombros outra vez. Quanto mais o tempo passa, mais acho estranho a minha paisagem do medo não estar cheia de medos, como as de todos os outros. Muitas coisas fazem com que eu me sinta nervoso, ansioso, desconfortável... mas, quando sou confrontado com elas, consigo *agir*, nunca fico paralisado. Contudo, se eu não tomar cuidado, meus quatro medos são capazes de me paralisar. Essa é a única diferença.

– Eu tenho a teoria de que o altruísmo e a coragem não são tão diferentes assim. – Levanto a cabeça e olho para o Fosso, que se ergue acima de nós. Daqui, consigo ver apenas um pedacinho do céu noturno. – Se você passou a vida inteira treinando para se esquecer de si mesmo quando está

diante do perigo, isso se torna o seu instinto natural. Meu lugar poderia ser a Abnegação tão facilmente quanto é aqui.

– Pois é. Deixei a Abnegação porque não era altruísta o bastante, por mais que eu tentasse.

– Isso não é inteiramente verdade – digo, sorrindo. – E aquela garota que deixou que alguém atirasse facas contra ela para poupar um amigo; que bateu com um cinto no meu pai para me proteger; aquela garota altruísta não era você?

Sob esta luz, ela parece vinda de outro mundo, com os olhos tão pálidos que parecem reluzir no escuro.

– Você tem prestado bastante atenção, não tem? – pergunta ela, como se tivesse lido os meus pensamentos. Mas Tris não está falando sobre eu olhar para o seu rosto.

– Gosto de observar as pessoas – respondo, dissimuladamente.

– Talvez seu lugar seja mesmo na Franqueza, Quatro, porque você é um péssimo mentiroso.

Pouso a mão ao lado da dela e me aproximo.

– Tudo bem. – Seu nariz longo e fino não está mais inchado do ataque, nem sua boca. Sua boca é bonita. – Eu a observei porque gosto de você. E... não me chame de ‘Quatro’, está bem? É... bom ouvir meu nome novamente.

Ela parece ficar surpresa.

– Mas você é mais velho do que eu... Tobias.

É tão bom ouvi-la falando o meu nome. Como se não houvesse nada do que se envergonhar.

– Ah, claro. A enorme diferença de dois anos é *intransponível*, não é mesmo?

– Não estou tentando ser autodepreciativa – diz ela com teimosia. – Mas não entendo. Eu sou mais nova. Não sou bonita. Eu...

Solto uma risada e beijo a sua têmpora.

– Não precisa fingir – diz ela, soando um pouco ofegante. – Você sabe que eu não sou. Não sou feia, mas certamente não sou bonita.

A palavra “bonita” e tudo o que ela representa me parecem tão inúteis agora que não tenho nenhuma paciência para isso.

– Tudo bem. Você não é bonita. E daí? – Arrasto meus lábios até sua bochecha, tentando juntar coragem. – Eu gosto da sua aparência. – Eu me afasto. – Você é extremamente esperta. Você é corajosa. E, mesmo que tenha descoberto a questão com o Marcus... Você não está me olhando daquele jeito. Como se eu... fosse algum tipo de cachorrinho abandonado.

– Bem – diz ela com sinceridade. – Você não é.

Meus instintos estavam certos: posso confiar nela. Com meus segredos, minha vergonha, com o nome que abandonei. Com as verdades lindas, e as horríveis. Tenho certeza disso.

Encosto meus lábios nos dela. Nossos olhos se encontram, e eu sorrio e a beijo outra vez, agora com mais segurança.

Não é o bastante. Eu a puxo mais para perto, beijo-a com mais força. Ela ganha vida, envolvendo-

me em seus braços e inclinando-se contra mim, mas ainda não basta. Como poderia?

+++

Eu a acompanho de volta para o dormitório dos transferidos, as botas ainda úmidas com a água do rio, e ela sorri para mim ao passar pela porta. Começo a caminhar em direção ao meu apartamento, e não demora muito para o alívio animado ser substituído novamente pela inquietação. Entre vê-la ser atingida no braço pelo cinto na minha paisagem do medo e dizer a ela que o altruísmo e a coragem muitas vezes eram a mesma coisa, tomei uma decisão.

Viro no corredor seguinte, não em direção ao meu apartamento, mas à escada que leva para o lado de fora, perto do apartamento de Max. Desacelero ao passar na frente da porta dele, temendo que meus passos sejam altos o bastante para acordá-lo. É uma preocupação irracional.

Meu coração dispara quando alcanço o topo da escada. Um trem está passando, e sua lateral prateada reflete a luz da lua. Caminho sob os trilhos e sigo até o setor da Abnegação.

+++

Tris era da Abnegação. Parte da sua força natural vem de lá, a mesma que surge sempre que precisa defender pessoas mais fracas do que ela. E não consigo suportar a ideia de homens e mulheres iguais a ela sucumbindo às armas da Audácia e da Erudição. Eles podem ter mentido para mim, e talvez eu os tenha traído quando escolhi a Audácia, e talvez esteja traindo a Audácia agora, mas não preciso trair a mim mesmo. Além disso, não importa em qual facção esteja, *eu* sei qual é a coisa certa a fazer.

O setor da Abnegação é muito limpo, sem qualquer lixo nas ruas, nas calçadas ou nos gramados. As construções cinza idênticas estão gastas em alguns lugares porque os seus membros altruístas se recusaram a consertá-los, já que o setor dos sem-facção precisa tanto de materiais, mas estão sempre bem-cuidadas. As ruas aqui parecem um labirinto, mas não passei tanto tempo assim longe, e ainda recordo-me do caminho até a casa de Marcus.

É estranho o quão rápido, na minha mente, ela se tornou a casa *dele*, e não a minha.

Talvez eu não tenha que contar a ele; poderia falar com outro líder da Abnegação, mas ele é o mais influente, e ainda há uma parte dele que é o meu pai, que tentou me proteger porque sou Divergente. Tento me lembrar da onda de poder que senti na paisagem do medo, quando Tris me mostrou que ele era apenas um homem, e não um monstro, e que eu poderia enfrentá-lo. Mas ela não está aqui comigo agora, e sinto-me frágil, como se fosse feito de papel.

Sigo o caminho até a casa com as pernas rígidas, como se não tivessem juntas. Não bato à porta; não quero acordar mais ninguém. Pego a chave sobressalente sob o capacho e destranco a porta da frente.

Está tarde, mas a luz da cozinha continua acesa. Quando passo pela porta, ele já está parado onde consigo vê-lo. Atrás dele, a mesa da cozinha está coberta de papéis. Ele está descalço. Seus sapatos ficaram sobre o tapete da sala de estar, com os cadarços desamarrados. E os seus olhos são tão envoltos em sombras quanto a imagem que faço deles nos meus pesadelos.

– O que você está fazendo aqui? – Ele me olha da cabeça aos pés. Tento entender o que ele tanto observa até me lembrar de que estou vestindo o preto da Audácia, com botas pesadas e jaqueta, e agora tenho uma tatuagem no pescoço. Ele se aproxima um pouco mais, e percebo que sou tão alto quanto ele, e mais forte do que jamais fui.

Ele nunca conseguiria me subjugar agora.

– Você não é mais bem-vindo nesta casa – diz ele.

– Eu... – Ajeito o corpo, mas não porque ele odeia má postura. – Eu não dou a mínima – digo, e suas sobrancelhas saltam para cima, como se eu o tivesse surpreendido.

Talvez eu realmente o tenha surpreendido.

– Vim alertar você – digo. – Encontrei algo. Planos para um ataque. Max e Jeanine vão atacar a Abnegação. Não sei quando, nem como.

Ele me encara por um segundo, de uma maneira que faz com que eu me sinta analisado, e então sua expressão muda para um sorriso debochado.

– Max e Jeanine vão atacar – repete ele. – Só os dois, sozinhos, armados com algumas seringas de simulação? – Seus olhos se semicerram. – Max o mandou aqui? Você virou o lacaio da Audácia dele? Por quê, ele quer me assustar?

Quando pensei em alertar a Abnegação, tinha certeza de que a parte mais difícil seria atravessar esta porta. Nunca pensei que ele não *acreditaria* em mim.

– Não seja idiota – digo. Nunca teria dito isso a ele quando morava nesta casa, mas, depois de dois anos adotando intencionalmente os maneirismos da Audácia, a frase deixa a minha boca com naturalidade. – Se você suspeita de Max, é por uma boa razão, e posso garantir que é uma razão muito boa. Você está certo em suspeitar dele. Você corre perigo. Todos vocês correm.

– Como ousa entrar na minha casa, depois de trair a sua facção – diz ele com a voz grave –, trair a sua *família*... e me insultar? – Ele balança a cabeça. – Recuso-me a ser intimidado a fazer o que Max e Jeanine querem, ainda mais pelo meu próprio filho.

– Quer saber? – digo. – Esquece. Eu deveria ter procurado outra pessoa.

Viro-me para a porta, e ele diz:

– Não vire as costas para mim.

Ele agarra o meu braço com força. Eu o encaro, sentindo-me tonto por um instante, como se estivesse fora do meu próprio corpo, já me separando do momento, para conseguir sobreviver a ele.

Você consegue lutar contra ele, penso, e me lembro da Tris arrancando o cinto dele na minha paisagem do medo, para agredi-lo.

Eu me desvencilho de sua mão. Sou forte demais, e ele não consegue me segurar. Mas só tenho

força o bastante para ir embora. Ele não ousa gritar e ir atrás de mim, porque os vizinhos poderiam ouvir. Minhas mãos tremem um pouco, então as enfio nos bolsos. Não ouço a porta da frente se fechar atrás de mim, então sei que ele está me observando ir embora.

Não foi o retorno triunfante que imaginei.

+++

Sinto-me culpado quando atravesso a porta de entrada da Pira, como se os olhos de todos os membros da Audácia me encarassem, julgando-me pelo que acabei de fazer. Fui contra os líderes da minha facção, e pelo quê? Por um homem que odeio, que nem acreditou em mim? Não sinto que valeu a pena, não valeu a pena ser chamado de traidor da facção.

Olho para o abismo abaixo, sob o chão de vidro, a água tranquila e escura, longe demais para refletir o luar. Havia algumas horas, eu estava bem ali, prestes a revelar a uma garota que mal conheço todos os segredos que lutei tanto para proteger.

Ela também confiou em mim, mesmo que Marcus não tenha confiado. Ainda vale a pena protegê-la, assim como a sua mãe e o resto da facção na qual ela acredita. Então, é o que farei.

Título Original
THE TRAITOR:
A Divergent Story

Copyright © 2014 *by* Veronica Roth

Edição brasileira publicada mediante acordo com HarperCollins Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
FLORA PINHEIRO

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Edição Digital: outubro, 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R754q
Roth, Veronica
Quatro [recurso eletrônico] : O Traidor : uma história da série Divergente / Veronica Roth ; tradução Lucas Peterson. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.
recurso digital

Tradução de: Four : The Traitor : a Divergent Story
ISBN 978-85-8122-470-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Peterson, Lucas. II. Título.

14-16244 CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Veronica Roth é uma autora de sucesso internacional. *Divergente*, o primeiro título de sua trilogia de estreia, alcançou o primeiro lugar dos mais vendidos do *New York Times*. Atualmente, ela mora em Chicago, nos Estados Unidos, com seu marido.